

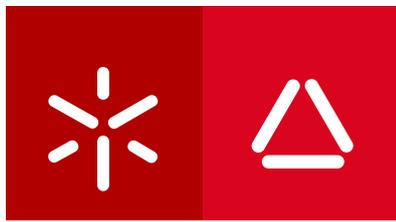


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Fábio Fonseca Ribeiro

A rádio e os ouvintes:
a fórmula de uma relação bipolar

Junho de 2008



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Fábio Fonseca Ribeiro

A rádio e os ouvintes:
a fórmula de uma relação bipolar

Mestrado em Ciências da Comunicação
Área de Especialização em Informação e Jornalismo

Trabalho efectuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Madalena Costa Oliveira

Junho de 2008

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO PARCIAL DESTA TESE
APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO.

Agradecimentos

*“A friend is a person
to laugh and cry with.
An inspiration,
Someone who lends a helping hand,
though friends may not be forever,
And they may not end up together,
the memories of a true friendship will
last forever.
A friend is not a shadow nor a servant
But someone who hold
a piece of a person in his heart.
Someone who shares a smile,
Someone who brightens up your day
What makes a person a friend?
Is by saying your Love will stay.”*

Renne donna Bufete

Sirvo-me deste poema de Renne donna Bufete para agradecer aos meus melhores amigos, os meus pais e a minha irmã, mas também a ti, Ana, Miguel, Diana, Ricardo, Mónica, Patrícia, Liliana, toda a ajuda e força que neste últimos meses me souberam dar para a concretização da presente dissertação. Durante todas as etapas deste trabalho, tive o privilégio de ter a excelente e sempre atenciosa colaboração da minha orientadora, a professora Madalena Oliveira. Foi, sem dúvida, uma ajuda fundamental e decisiva. De referir, ainda, a contribuição fantástica que o jornalista da TSF, Manuel Acácio, deu para este trabalho. A ele, também o meu muito obrigado. Mas sem dúvida que sem os meus pais e a minha irmã, não podia ter conseguido chegar ao final com a sensação de ter trabalhado bem.

Porque os amigos são mesmo o melhor da vida. Obrigado.

Resumo

Pensar a rádio no contexto das novas tecnologias da informação não deve ser tarefa alheada de uma das características mais marcantes do meio radiofónico: a sua associação ao telefone e, por conseguinte, à sua capacidade para escutar o próprio ouvinte. Na verdade, é sob o signo da participação dos leitores, ouvintes e telespectadores que muitos estudos têm organizado os desafios do digital e da potencial interactividade entre aqueles que nos habituámos a reconhecer na qualidade de emissores e receptores. Orientada pela experiência curricular de três meses na redacção da TSF – Rádio Jornal (no período de Novembro de 2007 a Fevereiro de 2008), a presente dissertação procura também ser um contributo neste domínio. Não permitindo, porém, a natureza deste trabalho, uma tarefa demasiado ambiciosa, toma-se aqui como pretexto de um processo de questionação, apenas um programa em concreto, o Fórum da TSF, organizando-se uma reflexão em torno da seguinte interrogação: “Que razões levam à participação dos ouvintes num espaço de opinião pública?”

O tronco central desta dissertação visa, portanto, questionar os motivos que levam o ouvinte a participar em programas de antena aberta. Tratar-se-á de uma participação motivada por um particular desejo de alterar, de algum modo, a realidade política, social ou cultural? Ou, pelo contrário, tratar-se-á de uma participação desinteressada, justificada apenas pelo próprio prazer de emitir opinião?

Partem estas questões da observação de um episódio particular. Em Dezembro de 2007, surgiram informações em todos os meios de comunicação social do país acerca da intenção do Governo de cobrar, aos portugueses, uma taxa de utilização de sacos de plástico, em todos os supermercados e hipermercados do país. A notícia foi objecto de debate em vários espaços de opinião pública, incluindo o Fórum da TSF. A nota dominante nestes espaços foi, precisamente, a onda de reacções negativas dos participantes sobre o tema. A verdade é que o Governo, pelo menos no curto prazo, recuou, aparentemente deixando cair a intenção anunciada.

Não pretendendo analisar este caso em concreto, mas tomá-lo apenas como pretexto, concentra-se este relatório especialmente na exploração das motivações dos ouvintes. Para tanto, apresenta-se em matéria de conclusões o resultado de um inquérito por questionário a uma amostra acidental de ouvintes/participantes.

Abstract

Thinking of radio in the context of the new technologies of information must not be an alienated task of one of the most outstanding characteristics of radio broadcasting: its association to the telephone and, consequently, its ability to listen to the listener himself. In fact, it is under the sign of the participation of the readers, listeners, and viewers many studies have been organized. The challenges of the digital era and the potential interaction between those that we recognize as transmitters and receivers are, equally, one focus of several studies. Under the experience in the traineeship curriculum I have carried out in TSF – Rádio Jornal (during the period of November 2007 to February 2008), the present dissertation also tries to be a contribution in this area. However, this paper doesn't want to take the role of an ambitious study. The program taken here as a pretext of this process of questioning is the Forum of TSF, in an organized reflection around the following question: "Which reasons lead to the participation of the listeners in a space of public opinion?"

The central focus of this dissertation aims, therefore, to question the reasons that lead the listeners to participate in programs of open antenna. In one hand, is it a participation caused by a particular wish to change, in some way, the political, social or cultural reality? Or, in the other hand, is it a disinterested participation, justified only by the pleasure of giving out opinions?

These questions came out after an observation of a particular episode. The episode occurred on the 5th of December as the country awoke to the sound of recent broadcasts in which it was informed of the governments' intent to collect from the Portuguese people taxes on plastic bags, in all supermarkets and mega stores of the country. This situation was set as an object of discussion in several spaces of public opinion, including the Forum of TSF. The high note in such circles was, precisely, the negative wave of the flooding commentary expressed a great discontent against such governmental measures. In fact, the truth is that the Government, at least in the short term, has decided, apparently, to give up the announced intention.

The intention of this paper is not to analyse this case specifically, but to make it only as a pretext. The focus is, precisely, to understand the reasons behind the motivations of the listeners. As a possible conclusion, the result of one questionnaire to one random sample of listeners of the Forum of TSF is shown up in the final section of this paper.

Índice

Índice	vii
Três meses na rotina diária de uma rádio nacional. A TSF, desafio e oportunidade.....	1
I. Da Universidade para a empresa	5
1. O lugar do estagiário na TSF.....	5
2. Enquadramento e reconhecimento da TSF no âmbito dos tipos de rádio	9
3. Breve abordagem da história da TSF.....	12
3.1 A originalidade do projecto TSF	12
3.2 Enquadramento empresarial: a Controlinveste, o grupo que detém a TSF.....	13
4. Enquadramento e comparação com o caso espanhol	14
II. Da TSF para as reflexões teóricas.....	19
1. A radiodifusão como uma “invenção social”	21
2. Rádio, uma rede de influências.	22
3. A participação como género radiofónico	23
4. O ouvinte como agente decisivo na rádio.....	24
4.1 O ouvinte em traços gerais.....	26
5. O ouvinte e o prazer de ouvir.....	27
6. O ouvinte e os imperativos de locução: os códigos paralinguísticos e os efeitos de recepção	29
7. O ouvinte já não é só aquele que ouve, mas aquele que liga a dar notícias	32
III. Das reflexões teóricas para o contacto com os ouvintes.....	35
1. Introdução: A observação: da definição do método até aos resultados empíricos	35
2. O inquérito por questionário: estrutura e resultados.....	35
a) O método	35
b) A amostra	38
c) A estrutura do questionário	39
d) Leitura dos resultados: a confirmação de algumas suspeitas iniciais	40
IV. Conclusão e retrospectiva das grandes linhas de pensamento	51
Anexos.....	55
Bibliografia.....	61

Três meses na rotina diária de uma rádio nacional. A TSF, desafio e oportunidade.

“Sete da manhã. O telefone toca na redacção da rádio. Ninguém atende. Um acidente na principal rodovia de acesso à capital interrompe o trânsito.
– Desloca o helicóptero para lá!
O telefone volta a tocar.
Na Zona Sul, a polícia ameaça entrar num prédio ocupado por famílias sem-abrigo.
– Manda o repórter que iria cobrir a chegada do ministro no aeroporto.
Mais uma vez, insistentemente, o telefone toca...
– Deixa tocar!
Tentativa de fuga de uma prisão. É na Zona Norte.
– Onde é que está o repórter das sete que ainda não apareceu???

O toque do telefone é irritante, atrapalha a concentração do editor, que precisa de concertação para terminar o texto do noticiário.
O Governo avisa que a reunião ministerial vai começar mais cedo.
– É muita gente para entrevistar, preciso de duas equipas lá.
O barulho do telefone ainda incomoda. O editor corre e passa mesmo ao lado. Não dá tempo de atender. Tem que entregar os destaques que vão para o ar dali a pouco.
Do estúdio, alguém pergunta:
– Já confirmaram onde será a reunião dos líderes dos partidos?
Quase não dá para ouvir a pergunta. O telefone atrapalha.
Da central técnica, o aviso:
– O João já gravou, a Rita também.
O grito mistura-se ao som do telefone. Alguém, finalmente, tem a ideia genial:
- Tira o telefone do gancho!

Problema resolvido. O telefone pára de tocar. Já não é preciso atender. Afinal, todos têm mais com que se preocupar. Deveria ser apenas um ouvinte a reclamar que, desde cedo, está a ouvir a rádio, mas até agora não conseguiu a única informação que realmente lhe interessava: a previsão do tempo.” (Milton Jung, 2004:35)

Uma metáfora bem real para quem experimenta o pulsar da redacção de uma estação de rádio. Retirada de obra de Milton Jung, “*Jornalismo de rádio*”, a situação descrita em epígrafe traduz, em boa parte, toda a azáfama e agitação com a qual contactei durante os três meses de estágio na rádio TSF, em Lisboa.

Telefones a tocar, gravações feitas à última hora, problemas técnicos são situações vulgares numa redacção. O stress que se vive numa rádio depende, com bastante frequência, de factores imprevisíveis, como por exemplo, repórteres que não conseguem enviar as peças a tempo do noticiário, declarações de entrevistados que chegam em más condições de som ao estúdio, ou então porque existem acontecimentos que entretanto surgiram e merecem uma maior atenção por parte dos jornalistas.

"A paixão pela rádio é uma regra na profissão".

Laurindo Filho, sociólogo e jornalista

Com o aparecimento da televisão foi profetizada a morte da rádio. É certo que tal não aconteceu, mas a verdade é que a rádio se viu obrigada a encontrar novos espaços. O mundo está a mudar e a rádio tem acompanhado a mudança. As transmissões radiofónicas já não se limitam aos transmissores terrestres, incluem agora também os satélites, o cabo e a Internet. Apesar de tudo, a rádio continua a cumprir, na actualidade, funções que só ela pode cumprir: estimula a imaginação e a fantasia ao permitir que o ouvinte crie as suas próprias imagens. É um mundo de imaginação, de fantasia. Trabalhar em rádio é estar numa realidade completamente diferente da televisão, dos jornais ou da Internet. As diferenças óbvias não residem, única e exclusivamente, ao nível dos meios técnicos e humanos com que operam.

A minha empatia com a rádio remonta até à minha própria infância. É um lugar comum referir a profissão que actualmente alguém desempenha, ou gostaria de vir a ter, e associar, imediatamente, a tempos mais recuados, de meninice em que se brincava aos médicos, futebolistas ou professores. No meu caso, eram brincadeiras ao jeito de animadores e jornalistas de rádio. Cassetes, microfones e a aparelhagem eram objectos com os quais lidava diariamente. O meu fascínio residia na forma como alguém podia gravar a sua própria voz e no divertimento que se poderia ter através do microfone. Foi nesta altura que começou a crescer um interesse muito particular pela rádio. Curioso é que já naquele tempo, verificava que quem aparecia na televisão falava diferente de quem discursava na rádio. Ao ouvir rádio sentia um registo, um discurso mais próximo, até parecia que alguém estava a falar comigo; uma espécie de proximidade a um rosto invisível, algo que não sentia ao ver um jornalista de uma televisão, por exemplo, num directo. Esta é, porém, uma questão que apenas se racionaliza quando se está por dentro da rádio.

A linguagem radiofónica assume uma especificidade muito própria. De facto, o tom de uma boa peça jornalística em rádio será aquela que mais se aproxima da oralidade, do registo diário da conversação entre pessoas. Uma das preocupações centrais reside precisamente nessa aproximação à oralidade, na medida em que o ouvinte não deve sentir que alguém está a ler um determinado texto para ele próprio, mas que existe um indivíduo que está, apenas e só, a conversar com ele. É na forma como se lê que pode estar o sucesso ou insucesso de uma rádio, uma vez que todos

os seus profissionais devem estar atentos e preparados para esta realidade. Durante a realização do estágio, há uma insistência particular em dois pontos: na produção de um bom texto para rádio e, de seguida, na leitura desse mesmo texto.

A paixão pela rádio cresceu na TSF e num momento muito particular: no estúdio. No início, o estúdio era uma verdadeira dor de cabeça. Este era o local destinado à prática e à aprendizagem de uma boa leitura de um texto jornalístico para rádio. Nas primeiras semanas, apercebi-me de que a minha leitura estava, ainda, demasiado presa ao texto, bastante longe de um registo de oralidade pretendido. Com a preciosa ajuda dos técnicos de som, fui registando algumas melhorias, no entanto, longe da leitura perfeita que a maioria dos jornalistas da redacção já evidenciava.

Relativamente à posição do próprio estagiário na TSF são, para mim, muito significativas as palavras do jornalista da TSF, Fernando Alves, sobre aos estagiários que actualmente chegam à redacção:

“Hoje chegam à rádio pessoas que não querem ser da rádio, querem ser jornalistas e fazem um estágio aqui. Não conseguem sentir o gozo disto. O que eu gosto é de estar em programas que obriguem a ficar toda a noite a montá-los e ver a equipa a dormir no estúdio, tudo estoirado. É assim que vejo isto, porque esse é o gozo secreto da rádio.”¹

Um estágio de três meses é um período bastante curto para sentir o verdadeiro ritmo de uma redacção. No final, apenas se fica com uma ideia aproximada de como se trabalha num órgão de comunicação de reconhecido âmbito nacional, como a TSF. O ideal seria, provavelmente, um estágio com uma maior duração, à volta dos cinco ou seis meses de experiência, no sentido de obter uma experiência mais próxima da real adrenalina de uma redacção. Por isso é que talvez Fernando Alves refere que os estagiários “*não conseguem sentir isto*”, uma vez que a estadia é tão curta que nem dá para sentir o verdadeiro pulsar da TSF.

¹ Fernando Alves, jornalista da TSF em entrevista ao Diário de Notícias, 6 de Maio de 2001

I. Da Universidade para a empresa

1. O lugar do estagiário na TSF

Depois de cumprimentar a simpática telefonista e recepcionista da rádio, uma porta abre-se para uma sala ampla. De um lado, quatro estúdios de som, incluindo o estúdio onde a emissão decorre em directo, enquanto do outro lado, gabinetes dos directores, de secretários, assim como a sala da agenda. A redacção, situada no edifício Altejo, mesmo junto ao rio Tejo, ainda contempla salas de reuniões, estúdios destinados para os técnicos de som e um gabinete para os jornalistas que actualizam ao minuto todas as informações do trânsito, além de uma pequena sala com a tradicional máquina do café e de lanches.

No entanto, é na sala central que a maior parte da agitação desta rádio tem lugar. Desde logo porque é naquele espaço que se concentram as diversas equipas da redacção. Economia, política, desporto, TSF-online são as equipas que trabalham diariamente na rádio. Contudo, todas as atenções se concentram na equipa que dirige os noticiários de meia em meia hora.

Antes do início da produção de notícias, o mesmo ritual todas as manhãs. Actualizar a agenda, preparada de véspera, como todas as informações e acontecimentos que, por antecipação, se sabe que vão marcar o dia. O trabalho de agenda é dos mais importantes num órgão de comunicação social. A agenda não é mais do que um dossier onde se regista o que vai acontecer no dia seguinte, ao nível da presença de ministros, deputados ou outras entidades públicas e sociais, nos mais diversos locais da capital e do país, ou seja, presenças com carácter oficial e programadas há já algum tempo. No início de cada manhã de trabalho, por volta das nove horas, a equipa da Manhã 2, o turno que integrei durante os três meses de estágio, reúne-se para actualizar as informações da agenda e incluir, eventualmente, outras notícias que entretanto tenham surgido.

Durante a referida reunião, procede-se a uma selecção e distribuição, pelos diversos jornalistas do turno, de todos os acontecimentos que marcam a agenda daquele dia em concreto. Naturalmente, há uma selecção prévia dos temas que seguem para a agenda, uma vez que seria incomportável incluir nesse dossier todos os acontecimentos que se passam no país. Também eu, antes de estar integrado na redacção da TSF, estive cerca de uma semana no gabinete da agenda, no sentido de

perceber qual é a importância de se preparar, de véspera, todas as informações sobre os acontecimentos previstos que vão ter lugar no dia seguinte.

Uma vez seleccionado e distribuído o trabalho, é tempo para, literalmente, pôr mãos à obra. Basicamente, existem duas formas de trabalhar: o jornalista é obrigado a deslocar-se ao local onde uma determinada situação irá ter lugar (saída em reportagem); a outra, em que é possível contactar os intervenientes a partir da própria redacção e, como tal, não é necessário ausentar-se da redacção. Esta é uma rotina dominada por todos que ali trabalham. No entanto, surge alguém que tem, forçosamente, que apanhar o ritmo desse trabalho: o estagiário.

Neste sentido, o estagiário não pode, por imposição da direcção, lançar e produzir as suas próprias peças para a antena da rádio. Por isso, a função do estagiário consiste, fundamentalmente, na aprendizagem de rotinas, de métodos de trabalho, na observação de como se processa a actividade jornalística da rádio. Em termos gerais, o estagiário procura um aperfeiçoamento da escrita do texto jornalístico para rádio, uma aprendizagem de como funciona a saída em reportagem e ainda um treino diário de colocação de voz e da leitura correcta das peças que o próprio produz.

Ao estagiário é permitido sair em reportagem, apesar de nunca o poder fazer sozinho, mas sempre na presença do jornalista incumbido de cobrir o acontecimento que vai ter lugar. Normalmente, e como mero exercício, o estagiário produz a sua própria notícia ou reportagem da situação que está a acompanhar, e no final do turno, propõe ao colega um olhar crítico sobre o trabalho que elaborou. Neste contexto, é também função do jornalista-estagiário auxiliar em tudo o que for necessário para a produção do trabalho que o colega irá levar para a antena da rádio.

Como é óbvio, as primeiras saídas em reportagem são sempre complicadas. Mesmo para quem está apenas a observar e aprender. Desde lidar com as especificidades de um material técnico que é muito diferente daquele utilizado nas diversas unidades curriculares da Universidade do Minho, até ao nervosismo de quem está ali pela primeira vez e não sabe como é que estas situações se desenrolam.

O material técnico que a Universidade disponibiliza são *mini-discs*, uma ferramenta mais pequena e simples de manusear do que o *Marantz*, o instrumento que a TSF utiliza para a captação de som. Além de ser uma ferramenta com uma dimensão muito maior e mais pesada, o *Marantz* converte os sinais com formato “wav” em “mp3”, um formato de som com maior qualidade e robustez. O *Marantz* é vantajoso, na medida em que possui um disco rígido com uma memória superior ao de

um *mini-disc* e tem incorporado, no interior, um *software* de edição de som, o *Audacity*. Através de um cabo *usb*, o jornalista pode ligar o *Marantz* ao computador e, no interior, além dos ficheiros de som que recolheu, terá um programa de edição áudio, portanto, estará em perfeitas condições de desempenhar o seu trabalho. Nota ainda para as diferenças do *software* de edição de som utilizado na TSF, o *Dalet*, enquanto nos Laboratórios de Jornalismo da Universidade, os alunos editavam os ficheiros áudio com recurso ao programa *Adobe Audition*.

O tempo encarrega-se de dar um certo traquejo. Principalmente após várias saídas em reportagem. Afinal o material técnico não é assim tão difícil de operar, já se consegue colocar todos os fios nas respectivas entradas, e já se percebe como é que funciona, por exemplo, uma conferência de imprensa na Câmara Municipal de Lisboa.

Uma das grandes vantagens deste estágio foi precisamente estar, quase sempre, no local dos principais acontecimentos que marcavam a actualidade da capital portuguesa. Tal como o slogan da TSF assim o refere, a verdade é que “tudo o que se passa, passa na TSF”. E passa mesmo. A redacção procura que haja sempre um repórter da rádio em cada acontecimento.

Acompanhado sempre com o repórter enviado pela redacção, tive oportunidade de estar presente nos mais variados acontecimentos, como por exemplo, na Cimeira Europa-África, em Dezembro, na visita de Ramos Horta, presidente da República de Timor, a Lisboa e conferências de imprensa da Câmara Municipal de Lisboa, da DECO (Defesa do Consumidor), entre outros acontecimentos de menor mediaticidade.

Através das diversas saídas em reportagem, foi curioso verificar que, num dado momento da actualidade, em que há figuras mais relevantes, os jornalistas procuram saber, antecipadamente, onde essas figuras irão marcar presença, para os interrogarem acerca dessas mesmas questões que vão marcando as notícias daquele dia. Por exemplo, se um líder de um partido critica a actuação de um colega seu de bancada, os jornalistas tentam logo obter uma reacção do visado.

Este *modus operandi* do jornalismo significa que vivemos numa sociedade plena de protagonistas, na qual se atribui uma importância cada vez maior a todas as declarações que, eventualmente, possam surgir por parte dessas personalidades do espaço público. Obviamente, esta é uma prática recorrente no jornalismo, uma vez que a auscultação de todas as partes visadas faz parte da própria rotina jornalística.

Porém, quando não há nenhuma reportagem, a tarefa do estagiário consiste no auxílio da produção dos noticiários de meia em meia hora, sempre que for necessário.

Desta forma, existem sempre contactos para estabelecer com as mais variadas fontes de informação, cortar e limpar sons que vão ser aproveitados para passar na antena. Por outro lado, também é aconselhável ao estagiário, na ausência destas tarefas, procurar outras notícias que possam ser abordadas nos noticiários e sugerir outros temas que possam vir a ser trabalhados.

Como acontecia regularmente, nada impedia que o estagiário fizesse as suas próprias peças sobre um determinado acontecimento. Como ainda não havia um domínio perfeito de como se escreve em linguagem noticiosa de rádio, há sempre a possibilidade de um ou mais jornalistas mais experientes corrigirem alguns pormenores do texto. Uma vez concluída a escrita, surge outra parte importante do jornalismo em rádio: a gravação da peça, no estúdio.

Esta é uma etapa particularmente difícil. Ler uma notícia para rádio, obriga, invariavelmente, a saber que mecanismos se deverão utilizar para cativar a atenção do ouvinte, evitando um discurso monocórdio e pouco aprazível à sempre exigência sensível do ouvido. A realidade é só uma: entoações diferentes podem gerar variações de percepção na mente do ouvinte. Por muito capaz e coerente que o texto em rádio se apresente, a atenção do ouvinte poder-se-á perder se o timbre, a entoação da narração da peça for manifestamente pouco cativante. É caso para dizer que uma má leitura pode arruinar, por completo, a perspectiva de comunicar algo, o que neste caso significa que o ouvinte facilmente desligaria o rádio ou mudaria de estação.

O Livro de Estilo da TSF define como se aprende a “falar” na rádio: *“há dois registos diferentes e quase contraditórios na rádio: o lido e o falado. O segundo é o desejado, o primeiro a realidade”* (Meneses, 2003: 101). O grande desafio que é colocado ao estagiário é precisamente esse: tentar “ler” um texto, evitando, no entanto, alguma artificialidade e valorizando as vantagens da leitura directa ao assunto e a objectividade. Apenas os profissionais com uma vasta experiência e com um traquejo muito acima da média podem chegar ao registo “desejado” a que faz referência Meneses. Referindo-se à televisão, o Livro de Estilo reporta-se a um exemplo de como se pode disfarçar a leitura: *“A televisão descobriu uma maneira de enganar o espectador: o teleponto. O aparelho consegue resolver dois problemas resultantes do eterno dilema: o jornalista tem de ler o que escreveu, mas o ouvinte quer que apenas ele fale consigo”* (Meneses, 2003:103).

O exemplo pode, na realidade, ser transposto para a rádio. É que também os ouvintes querem, precisamente, alguém que *fale* com eles e não alguém que *leia* para eles. Aqui pode residir um dos segredos de uma boa leitura de uma peça radiofónica.

As indicações dos técnicos de som de cada estúdio de gravação referiam, sempre, que o jornalista de rádio não se deve prender em demasia à leitura do texto. De facto, com o decurso do estágio, fui adquirindo alguma rotina e prática, pelo que houve registo de alguns progressos na forma como se lê efectivamente para rádio, ainda que consciente da distância relativamente aos restantes jornalistas da redacção, que têm, como é natural, um traquejo muito maior na condução de uma boa leitura de um texto radiofónico. Sabem, efectivamente, “ler uma notícia”.

Goffman abordou esta questão da leitura e da fala. Este autor observa que cada base de produção da fala exige um determinado tipo de competência adquirida. A competência exigida de um profissional de rádio não requer, somente, uma capacidade para saber falar correctamente em rádio. O jornalista deve ocultar um certo esforço de produção por uma aparência de espontaneidade, de forma a que o produto final se torne fluente. A espontaneidade que paira sobre o microfone, considera ainda Goffman, distingue-se assim por ser uma espontaneidade planeada: *“a oralidade electrónica é, essencialmente, uma oralidade mais deliberada e autoconsciente. (...) Prepara as coisas cuidadosamente para ter a certeza de que saem verdadeiramente espontâneas”* (citado por Thorington, 1993:179).

2. Enquadramento e reconhecimento da TSF no âmbito dos tipos de rádio

“Rádio informativa” e “rádio jornalismo” são dois termos fulcrais na obra de Eduardo Meditsch. O primeiro é *“um formato de programação e também uma instituição social com características próprias que se distinguem no campo dos media”*, enquanto “rádio jornalismo” é *“uma produção que vive ‘confinada’ nas emissoras que adoptam esse formato”* (Meditsch, 1999: 23). A “Rádio informativa” será, portanto o tipo de rádios que praticam “rádio jornalismo”, isto é, todas as rádios que têm na sua base editorial, uma atenção muito particular relativamente à actividade jornalística, em que o relato de notícias, reportagens e os outros géneros de jornalismo, como a entrevista ou a crónica, se inserem, permanentemente, na programação destas rádios.

Mariano Cébrian Herreros (2001:180) vai mais além nesta concepção de “rádio informativa”. Para este autor espanhol, a actualidade dos nossos dias é marcada pela emergência de uma “nova rádio informativa”:

“Assistimos a alterações substanciais. Ao lado do jornalismo tradicional, emerge outra concepção de informação actual, que amplifica o interesse geral, e o interesse particular do quotidiano. O jornalismo radiofónico da actualidade insiste na concepção informativa de uma interpretação sonora da realidade: interpretação, como processo intelectual de análise, valorização e tratamento segundo um sistema de valores (...); o som, como portador de afectos, sentimentos, valores (...); a realidade, que deve ser entendida na sua complexidade, numa actualidade imediata, renovada e, por vezes, fugaz.”

Para além de nos dar conta da tarefa informativa das rádios, Cébrian Herreros acaba por focar, em boa parte, na tendência geral dos órgãos de comunicação social (OCS) da actualidade, sobretudo na exploração do campo da afectividade individual, dos sentimentos, da emoção que prima em certos assuntos do social. Situações como o rapto e a violação de menores, a violência doméstica, ou o preço dos combustíveis, só para nomear alguns, são, na actualidade, factos que mexem com a afectividade e o bolso de boa parte dos portugueses, daí que os OCS procurem explorá-los.

Esta realidade acaba por ser fugaz, na medida em que existem vários assuntos que durante dias, semanas ou meses, são destacados nos OCS, e que rapidamente desaparecem da memória colectiva. Casos como o de Natascha Kampusch (a menina austríaca que esteve raptada entre 1998 e 2006) ou dos últimos acontecimentos relacionados com o Sismo da China, só para citar alguns exemplos, são, pelo menos na aparência, rapidamente esquecidos, no tratamento noticioso da maioria das redacções.

No campo da distinção de vários géneros radiofónicos, Cébrian Herreros (2007:123) dá, igualmente, um contributo para a compreensão deste fenómeno. Existem, segundo o autor, vários géneros radiofónicos, que vão desde o género de ficção, realista ou informativo, publicitário, musical, humor e educativo. No interior do género informativo, Herreros encontra a notícia, a reportagem, a reportagem de investigação, o inquérito ou a sondagem, o documentário, a entrevista e a tertúlia. Herreros chega mesmo a afirmar que *“o género mais desenvolvido é, sem dúvida, o informativo, sobretudo porque tem adquirido um destaque pela atitude expositiva ou de relato, persuasiva, com recurso a testemunhas apelativas.”*

Porque não é possível encerrar a TSF no género exclusivamente informativo, convém, ainda, assinalar a perspectiva de Martín-Costa e Moreno Moreno (2004), autores que falam da “rádio generalista”. Para estes dois autores espanhóis, a “rádio generalista” é, por definição, a que se dirige, num mesmo período de tempo (dia ou semana) a diferentes tipos de públicos, tentando conquistar o máximo de ouvintes: *“Por programação generalista entende-se um modelo extraordinariamente próximo da essência do meio radiofónico, em que – mediante a expressão oral – prevalece o contacto humano, a relação pessoal”* (2004: 47). A lógica de uma rádio generalista pode encontrar-se, como definição, numa rádio de serviço público que, se tiver apenas um canal, tem de chegar a ouvintes com diferentes interesses, estratificando horários por audiências-tipo e contemplando diversas obrigações não comerciais, como a educação.

As opções de programação da TSF encaixam perfeitamente nas indicações de Martín-Costa e Moreno Moreno sobre a “rádio generalista”. De facto, durante a antena desta estação há todo um leque variado de temas, que vão desde a política (Voz Europa), à saúde (Clínica Geral) e ao desporto (Jornal do Desporto), passando por sugestões de lazer (Evasões), ou de gastronomia, entre muitos outros. Em suma, uma “rádio generalista” tem essa obrigação na lógica da formação dos ouvintes, sobre vários temas que percorrem a sociedade.

Um olhar atento à programação da TSF sugeriria que estamos perante uma rádio de cariz essencialmente informativo. Pela programação passa o mais variado género de temáticas, desde espaços dedicados ao lazer, turismo, viagens, mundo digital, reflexões sobre a política nacional e internacional, desporto, fóruns de debate, etc...Os noticiários a cada meia hora são uma marca TSF. De facto, a preocupação em manter a informação o mais actualizada possível distingue esta rádio, que tem a sua “sede” na Matinha, em Lisboa, bem perto do Parque das Nações. Regra geral, as outras rádios, quer se tratem de âmbito informativo quer de âmbito de entretenimento, actualizam as notícias apenas uma vez por hora.

Neste sentido e à luz do contributo teórico atrás referido, pode dizer-se que a TSF se assume como uma rádio de género híbrido, ou seja, comporta traços de uma rádio generalista, uma vez que há um esforço desta rádio no sentido de um contacto humano, de relação pessoal, ao mesmo tempo que faz do jornalismo a sua actividade principal, como uma verdadeira rádio informativa.

A TSF tem, na verdade, duas redacções, uma no Porto, outra em Lisboa. No Porto, a redacção tem dimensões mais reduzidas; em contrapartida, é em Lisboa que a TSF apresenta um exemplo típico de uma redacção de um órgão de comunicação de grande escala, de nível nacional. Durante o período do estágio, só no período da tarde, a partir das 16 até as 20 horas, é que a emissão era assegurada pela equipa do Porto, embora esta lógica tenha sofrido diversas alterações, já que no passado, a redacção do Porto também já esteve à frente das emissões da manhã.

3. Breve abordagem da história da TSF

Em Fevereiro de 1988, Emídio Rangel abria as emissões com o slogan que, durante anos, marcou a actividade desta rádio: “Por uma boa história vamos ao fim da rua, vamos ao fim do mundo”. Numa cooperativa original que incluía algumas figuras históricas da rádio portuguesa, como o próprio Emídio Rangel, David Borges ou Fernando Alves, a nova rádio adoptou o nome TSF por analogia com a designação tradicional abreviada de Telefonía Sem Fios. A primeira emissão desta rádio ainda “pirata” (ainda não estava legalizada nessa altura) teve lugar a 29 de Fevereiro de 1988.

A estação de rádio, a princípio designada TSF-Rádio Jornal, teve como sócios fundadores a Cooperativa TSF, o grupo de O Jornal e a FNAC-Fábrica Nacional de Ar Condicionado. Tem a classificação de rádio regional, mas cobre em sinal “FM” o Norte e Centro do país, além de deter várias rádios locais no Sul, chegando a grande parte do território continental português. Pode também ser escutada pela Internet em todo o mundo (<http://www.tsf.pt>).

3.1 A originalidade do projecto TSF

A originalidade da TSF não passa só por uma nova forma de olhar para o jornalismo. Mais próxima das pessoas, a TSF inclui-se numa lógica que foi, aqui e ali, seguida por algumas rádios que depois haveriam de surgir, num esforço contínuo de transmitir informações de relevo, com impacto na sociedade portuguesa. A TSF é, hoje em dia, uma rádio que não se especializa apenas num ou outro domínio, muito pelo contrário. O interesse pelos mais variados temas justifica-se na diversidade de programas e temáticas que passam, diariamente por esta rádio.

A originalidade do projecto TSF passa também pelas palavras de algumas figuras da sociedade portuguesa. Carlos Lopes, atleta olímpico português, explica a diferença entre a TSF e outras emissoras radiofónicas nacionais: “*nós sentimos esta rádio*”, diz, ao mesmo tempo que considera que “*a TSF obrigou-nos a estar permanentemente atentos e a ouvi-la sempre com atenção.*” O Presidente da República, Cavaco Silva, orgulha-se de, há vinte anos, ter participado na medida do Governo que possibilitou a descentralização da capacidade radiofónica em Portugal, ao abrir-se à iniciativa privada, projectos de radiofónicos. “*Inovadora nas suas transmissões em directo e especiais, cedo se percebeu que a aposta da TSF iria proporcionar um novo modo de jornalismo radiofónico no país*”, considera o actual Presidente da República. José Sócrates, actual Primeiro-Ministro, elogia a TSF porque “*permitiu que muitos recuperassem o gosto de ouvir rádio. É uma rádio que sempre se caracterizou pela sua frescura e dinamismo e veio enriquecer o espaço público e contribuir para uma maior variedade na comunicação social portuguesa.*” Mas não é só na política nacional que surgem elogios. Xanana Gusmão, ex-presidente da República de Timor-leste, afirma que a história da TSF se cruzou com a de Timor em 1999. Xanana considera que a TSF ajudou o seu país, “*ao levar aos ouvidos dos portugueses todas as incidências da guerra que travámos*”.

Rostos do entretenimento também já elogiaram a originalidade do projecto TSF. Herman José, humorista, revela que, há cerca de vinte anos, um programa de televisão da sua autoria, intitulado “Humor de Perdição”, foi retirado da antena apenas por questões ligadas ao conteúdo. O comediante considera que a TSF “*tomou a vanguarda na luta contra esse género de situações, numa altura em que, após o 25 de Abril, a nossa democracia ainda estava a consolidar-se.*” Catarina Furtado, apresentadora de televisão, considera que sempre se habituou a ouvir “*informação séria e credível na TSF. Habitei-me a saber que a TSF não mentia, não exagerava. Há um estilo TSF, que tem sido copiado por muitos.*”²

3.2 Enquadramento empresarial: a Controlinveste, o grupo que detém a TSF

A Controlinveste Media foi criada nos anos 90 como Lusomundo Serviços, uma parte da holding Lusomundo da PT Multimédia. A Lusomundo Serviços foi comprada

² Declarações e testemunhos presentes em formato vídeo no seguinte endereço electrónico:
<http://uk.youtube.com/user/videotsf>

pela Controlinveste em 2005, mudando os nomes da Lusomundo Serviços para Controlinveste Media e da Lusomundo Media para Global Notícias Publicações.

Além da TSF, a Controlinveste também dirige, em 2008, os destinos de alguma da imprensa diária do país, como é o caso do Diário de Notícias, Jornal de Notícias, 24 Horas, O Jogo. O jornal Ocasão, periódico exclusivamente concebido para os classificados, o Jornal do Fundão e o gratuito Global Notícias compõem o restante leque de jornais que estão sob a posse do grupo Controlinveste. O grupo liderado por Joaquim Oliveira detém, igualmente, as revistas Notícias Magazine, Notícias TV, Notícias Sábado, Evasões e Volta ao Mundo.

De referir que as outras rádios com uma programação semelhante à TSF, têm, da mesma forma, participações de outros grupos empresariais. A Rádio Renascença tem duas sociedades que detêm os seus direitos, embora em parcelas distintas, isto é, 60 por cento desta rádio é da posse da Conferência Episcopal Portuguesa, enquanto os restantes 40 por cento pertencem à Conferência do Patriarcado de Lisboa. A Antena 1, rádio do grupo RDP que mais se aproxima da identidade da TSF, pertence ao Estado, enquanto a Media Capital e a Prisa detêm o Rádio Clube Português.

4. Enquadramento e comparação com o caso espanhol

Reunidos diversos elementos que contribuem para esta questão, a realidade radiofónica de Espanha dá conta da prevalência da rádio generalista sobre a rádio temática ou especializada, de acordo com as indicações de Gutierrez Garcia e Huertas Bailén (2004:86):

“Em matéria da oferta radiofónica espanhola, as emissoras de conteúdo variado e destinadas a todos os públicos, isto é, as que se definem como generalistas, continuam a ser as que mais atraem o maior número de ouvintes. O Estudo Geral de Meios indica que no ano de 2003, estas cadeias obtiveram, em conjunto, uma audiência acumulada de 11 milhões e 72 mil ouvintes, à frente dos 10 milhões e 262 mil das temáticas”.

Como rádios temáticas, Garcia e Bailén definem (2004:86):

“aquelas que se distinguem por apresentar os tais conteúdos muito uniformes, mas com recurso a alguma diversidade de programas ou rubricas (uma rádio de desporto pressupõe a utilização de diversos géneros); já a rádio monolítica (“rádio fórmula” ou de “formato fechado”) funciona como um contínuo, sendo o melhor exemplo as rádios musicais de play list.”

O caso português mostra, claramente, diferenças significativas. Em primeiro lugar, o número de ouvintes, no caso português, é bastante menor, mas neste ponto há que ter em linha de conta as próprias dimensões dos dois países, uma vez que Portugal apresenta uma população a rondar os 10 milhões de habitantes, enquanto que em Espanha residem cerca de 40 milhões de pessoas³.

Um estudo realizado pela Marktest mostra que, no primeiro trimestre de 2008, na tabela das cinco rádios mais ouvidas (reach semanal: RFM – 28,4%; Rádio Renascença – 20,8%; Rádio Comercial – 17,6%; Cidade FM -10,4% e TSF – 9,8%) apenas duas seguem os moldes da “rádio generalista”, termo da responsabilidade de Martínéz-Costa e Moreno Moreno, enquanto as outras três seguem a terminologia de “rádios temáticas”, da autoria de Garcia e Bailén. Enquanto no caso espanhol são as “rádios generalistas” que marcam mais pontos no ranking da audiência, em Portugal são as “rádios musicais” a dominar as atenções dos ouvintes. Rádios como a SER, a Cope ou a Onda Cero (as três principais cadeias nacionais privadas) ou a RNE1 são efectivamente generalistas, apresentando uma programação variada que se destina a atingir o máximo de ouvintes.

Em termos comparativos e apenas para ilustrar a proximidade entre o panorama português e espanhol, a SER apresenta um projecto editorial semelhante à TSF, a RNE 1, por pertencer ao Governo, seria, no caso espanhol, a Antena 1, enquanto que a Cope, pelas ligações à Igreja, se equivale, de algum modo, à Rádio Renascença.

De acordo com o relatório Europa Press, sobre a rádio em Espanha, o perfil dos ouvintes da rádio generalista são os homens de classe alta e média alta de 35 a 65 anos, com estudos superiores e universitários. Por outro lado, o perfil maioritário da rádio temática é o mesmo quanto à condição social, mas mais jovens com idades compreendidas entre os 14 e os 34 anos de idade⁴. Informações fornecidas pela Rádio Nacional de Espanha, e relativas ao seu canal 1 (generalista) mostram o seguinte perfil maioritário, de segunda a sexta: das 9 às 13 horas, mais de 65 anos; das 17 às 20 horas, entre os 45 e os 54; das 22 às 03 horas, mais de 65 anos⁵. Cébrían Herreros (2001:121) considera mesmo que existe uma relação entre rádio musical e o público mais jovem: *“A juventude está na rádio musical. À rádio informativa chega-se com mais de 25 anos, isto é, a partir do momento em que se entra no mundo*

³ <http://www.ceja.educagri.fr/por/pays/espa.htm>

⁴ Mucha Rádio”, Europa Press in <http://www.lukor.com/television/05022207.htm>

⁵ Elementos fornecidos pela RNE, relativos à terceira vaga do Estudio General de Medios, de 2005

laboral.” Sugere o autor que “*estamos, pois, perante uma audiência adulta*”, tendo a terceira idade ficado bastante marginalizada: “*reduziu-se o vão potencial da rádio.*”

No caso português, os resultados de 2007 do estudo Bareme Rádio confirmam que os jovens e os quadros médios e superiores são os maiores consumidores de rádio, com audiências 30% acima da média. Uma análise por *targets* mostra como os homens ouvem mais rádio do que as mulheres (respectivamente, 62.7% e 47.2% de audiência acumulada de véspera) e os jovens mais do que os idosos (com o grupo dos 25 aos 34 anos a liderar as audiências, com 70.9% de audiência acumulada de véspera).

Ao que parece, não existe, na programação das três cadeias nacionais privadas, por exemplo, qualquer programa que tente cativar públicos mais jovens – o que aliás, é compatível com a existência de rádios tematicamente especializadas em oferta jovem e numa incompatibilidade entre fórmulas, uma ideia sensível a Avelino Amoedo (citado por Martínéz-Costa, 2001: 2005) que diz que “*graças às novas tecnologias, a rádio generalista pode especializar a sua oferta e oferecer os seus próprios conteúdos particulares em plataformas ou suportes especializados.*”. Em Portugal, o caso até é bastante semelhante, existem diversas rádios a trabalhar para um público mais jovem. A Cidade FM, a quarta mais ouvida segundo o estudo da Marktest, apresenta uma programação feita para os mais jovens, até mesmo pela própria linguagem, com o slogan “Cidade FM, uma rádio à tua medida”, um tratamento mais informal e próximo da coloquialidade.

Pode, inclusive, prever-se que as rádios *on-line* sejam o veículo para manter as crianças e os jovens ligados ao meio radiofónico. Esta parece ser, pelo menos, a convicção de Rodero Antón, quando lembra que “*enquanto as emissoras espanholas convencionais perderam há muito a batalha pela incorporação de crianças e dos mais jovens como ouvintes, a Internet consegue convertê-los em utilizadores com maior facilidade.*” Insistindo no sucesso da Internet, o autor constata mesmo que “*alguns sectores da população, como os mais jovens, alheados da rádio tradicional, se incorporam agora na oferta da rede, o que provoca esta multiplicação de direcções sobre as temáticas mais variadas.*” (Rodero Antón, 2005:125)

O Bareme também estudou este comportamento⁶ e observa-se que, se o hábito de escuta de rádio pela Internet está em crescimento e em 2006 apresenta já

⁶ http://www.marktest.pt/produtos_servicos/Bareme_Radio/default.asp?c=1014&n=1663

valores consideráveis, a escuta regular (diária) apresenta ainda valores pouco expressivos⁷ (0,5% em 2004, 0,4% em 2005 e 0,3% em 2006).

A Tabela seguinte ilustra, precisamente, os dados recolhidos pelo Bareme Rádio, relativamente à audiência radiofónica nos três primeiros meses de 2008.

 RESULTADOS DE AUDIÊNCIA 1º TRIMESTRE DE 2008			
GRUPO/ESTAÇÃO/CANAL	Reach Semanal %	Audiência Acumulada de Véspera %	Share de Audiência %
Total Rádio	80.8	56.8	100.0
Grupo Renascença (1) *	48.0	25.7	41.5
RFM	28.4	14.2	23.6
R.Renascença	20.8	10.3	15.2
Mega FM	4.2	1.8	2.5
Grupo Media Capital Rádio (2) *	30.5	15.1	21.9
R.Comercial	17.6	7.7	11.4
Cidade FM	10.4	4.7	5.8
RC – Rádio Clube	3.2	1.1	1.4
M80	2.6	1.1	1.7
Best Rock FM	1.4	0.6	0.9
Romântica FM	0.9	0.4	0.5
TSF	9.8	4.7	5.6
Grupo RDP (3) *	17.4	8.7	12.7
Antena 1	9.2	4.6	6.7
Antena 3	7.7	3.5	5.1
Antena 2	1.4	0.5	0.5
Outras Estações	31.5	10.7	17.3
Não sabe estação/posto	3.2	1.2	1.7
UNIVERSO	8 311 409	8 311 409	8 311 409

UNIVERSO: Indivíduos com 15 e mais anos, residentes em Portugal Continental – 8 311 409

NOTA1: Nestes quadros, são apresentados resultados para as estações que reúnem pelo menos uma de duas condições: 1 - Tenham referências em pelo menos quatro das seis regiões MARKTEST, e simultaneamente tenham um mínimo de 60 casos na amostra do trimestre. 2 - Façam parte de um grupo que possua estações consideradas de cobertura nacional (presente nas 6 regiões MARKTEST), e tenham um mínimo de 30 referências na amostra do trimestre.

(1) - Inclui R.Renascença, RFM, Mega FM e todas as regionais da Renascença.

(2) - Inclui R.Comercial, Cidade FM, R.Romântica, R.Mix, Best Rock FM, RC - Rádio Clube, Classe FM e M80.

(3) - Inclui Antena 1, Antena 2, Antena 3, RDP África e todas as regionais da RDP.

* - Nestes grupos não são apresentadas todas as estações que os constituem, devido ao critério de nível de audiência nacional. O Share das respectivas estações apresentadas no quadro nem sempre totaliza o valor do grupo.

II. Da TSF para as reflexões teóricas

“O rádio é um veículo de comunicação de massa que apresenta o sentido mediático da alteridade, razão pela qual afirmamos que, ao produzir qualquer programa, o produtor deve ter em mente a noção de que vai dizer alguma coisa a alguém cujo conteúdo deve ser interessante, inteligível e que, de forma significativa, possa catalisar a atenção para aquilo que é comunicado.”

A frase em epígrafe remete para a obra “A rádio e a experiência estética na constituição do Ouvinte”, de Adriano Lopes Gomes e, no fundo, retrata o objecto de estudo que vai servir de base à dissertação que neste documento se apresenta. O ouvinte é, por si só, toda a força motriz do processo comunicativo em rádio. É para ele que este histórico meio de comunicação se organiza, trabalha.

Um dos objectivos da realização do estágio do curso de Mestrado em Ciências da Comunicação da Universidade do Minho consiste em sensibilizar os alunos para uma determinada temática que, de uma maneira ou de outra, tiveram contacto durante o período em que estiveram numa empresa. Neste sentido, considereei que deveria tirar partido do estágio que realizei na TSF, em Lisboa, e escolher um assunto que se enquadre na dinâmica desta rádio.

É, por certo, seguro afirmar que o jornalismo que se faz em rádio é diametralmente oposto ao jornalismo realizado na televisão, nos jornais, ou mais recentemente, na Internet. Não será este, porém, o foco da presente discussão. Não se pretende reflectir acerca do jornalismo propriamente dito, mas antes acerca dos espaços de expressão de cidadania dos ouvintes.

A atenção será, pois, dada ao ouvinte, atendendo a um novo facto que agora se coloca a todo o jornalismo: a vontade do ouvinte, espectador ou leitor de participar na actividade jornalística de um determinado meio de comunicação social.

Para estudar melhor a situação, é talvez conveniente recordar um caso que remonta a 5 de Dezembro de 2007. O actual Governo pretendia cobrar o valor de 5 cêntimos por cada saco de plástico utilizado nas compras dos consumidores. A notícia surgiu logo pela manhã e estava um pouco por todo o lado, entre jornais, rádios e televisões. Rapidamente esta situação se tornou no assunto do dia, amplamente discutido quer nos vários fóruns da rádio, quer nos programas de opinião pública da televisão. A reacção dos participantes não foi a melhor. A maioria, talvez a totalidade, reprovou categoricamente esta nova intenção do Governo.

A verdade é que poucos dias depois, o Governo veio desmentir qualquer intenção de cobrar taxas nos sacos de plásticos, afirmando que a decisão de não avançar com esta medida já tinha sido tomada "há um par de semanas", dado já existir uma taxa paga à Sociedade Ponto Verde (Ecovalor) para custear a recolha e tratamento de resíduos. Na análise deste episódio emergem, de imediato, diversas questões:

a) *Será que o recuo da medida do Governo foi imune às reacções negativas por parte dos cidadãos?*

b) *Será que o Governo testou a aceitação de uma medida que, à partida poderia ser algo controversa, através da comunicação dessa intenção, tendo posteriormente, dado atenção aos circuitos de opinião pública?*

c) *A confirmar-se esta intenção do Governo, de que forma a participação activa dos ouvintes e telespectadores contribuiu para que o Executivo recuasse relativamente a esta medida?*

d) *Os ouvintes sentem que têm, de facto, algum poder nestes espaços de opinião pública? Ou, pelo contrário, devemos considerar a hipótese de uma participação desinteressada?*

Na rádio também são frequentes os avisos, por parte dos cidadãos, a reportar determinadas situações que se passam num determinado local, para que, posteriormente, se tornem notícia. Em muitos casos, os órgãos de comunicação social (OCS) até agradecem estes gestos de "jornalismo do cidadão".

Deste modo é, quiçá, legítima uma primeira assunção: Hoje em dia, não são só os ouvintes que ouvem rádio, mas a rádio também passou a ouvir os próprios ouvintes.

Um dos objectivos desta dissertação é precisamente perceber, muito concretamente, quais as razões que levam um ouvinte a querer participar na actividade de uma rádio. Por um lado, que motivos os levam a denunciar uma situação que pode servir de notícia aos jornalistas, e por outro, que motivações os levam a participar em programas de opinião pública.

Eis, pois, a duplicidade que me proponho explorar: Os ouvintes já não são meros receptores de informação, mas agem no sentido de participar no trabalho diário de uma rádio.

1. A radiodifusão como uma “invenção social”

Radiodifusão é um termo muitas vezes utilizado quando se fala em rádio, na medida em que engloba toda a actividade de produção de conteúdos que uma determinada rádio leva a cabo. No entanto, há quem tenha ido mais além neste conceito. A este propósito, James Curran e Jean Seaton (Curran & Seaton, 1997:137) referem que *“a radiodifusão – transmissão de programas a serem ouvidos simultaneamente por um grande número indefinido de pessoas – é uma invenção social, não técnica”*.

Segundo alguns autores, a tecnologia de transmissão de som por ondas de rádio foi desenvolvida pelo italiano Marconi, no fim do século XIX. Outros advogam que foi desenvolvida pelo sérvio Nikola Tesla. Na mesma época em 1893, no Brasil, um padre chamado Roberto Landell de Moura também buscava resultados semelhantes, em experiências feitas em São Paulo. As invenções como o telefone (Bell), o microfone (em 1877, por Emile Bernier), o circuito eléctrico sintonizado (em 1897, por Oliver Lodge) e as próprias ondas de rádio (descobertas em 1887, por Heinrich Rudolph Hertz) possibilitaram a criação de um novo meio de comunicação.

A capacidade de radiodifundir existiu muito antes de ser reconhecida. A rádio começou por ser encarada como uma técnica, só depois é que foi apropriada para meio de comunicação de massas de relação com a audiência. A “telegrafia sem fios” foi desenvolvida durante a Primeira Guerra Mundial para fins militares. Foi usada como substituta dos telefones, mas com a desvantagem de ser impossível especificar a audiência que ouvia a mensagem. Já em 1916, David Sarnoff, um engenheiro americano, via na rádio grandes potencialidades. Dizia que via nela uma “grande utilidade doméstica, como o piano ou a electricidade” (Curran & Seaton, 1997:138). A ideia de Sarnoff era levar, sem fios, a música até às casas das pessoas.

Desde o início da sua actividade, a rádio teve sempre uma determinada ambição de índole social, em querer transformar o estilo da comunicação humana. Na actualidade e depois de a rádio ter consolidado a sua posição no panorama dos órgãos de comunicação social, surgem outros meios de comunicação. A televisão e, muito mais tarde a Internet, revolucionaram a instantaneidade dos órgãos de comunicação que até então vigoravam.

Actualmente, a informação está actualizada ao minuto. Assim constataam Pio Ricci Bitti e Bruna Zani (1997) (Pio Bitti & Bruna Zani, 1997:237), ao afirmarem que

“vivemos numa realidade em que a tecnologia está a transformar rapidamente o estilo da comunicação humana, cada vez mais mediatizada por meios mecânicos e electrónicos”. Depois do advento da televisão, e mais tarde, da Internet, a rádio continua a ser um meio de relação, de proximidade, de contacto entre o ouvinte. O termo *“invenção social”*, sensível, como já foi referido, a James Curran e Jean Seaton, inscreve a rádio num âmbito que, hoje em dia, parece óbvio, como parte integrante da sociedade.

Significa isto dizer que a rádio, nos primeiros anos de vida, era apenas vista como uma técnica, uma concepção distante da actualidade, em que a rádio está inserida num determinado espaço social, com uma finalidade própria, e com objectivos vários. Contudo, a intenção é sempre no âmbito de satisfazer uma determinada intenção a uma audiência específica, com os seus gostos e interesses em particular.

2. Rádio, uma rede de influências.

“A mudança é a essência da comunicação; depois de uma troca comunicativa, a situação já não é a mesma, aconteceu uma coisa que modificou de um ou de outro modo a relação entre os participantes ou entre estes e o ambiente exterior” (McQuail 1975, citado por Pio Ricci Bitti e Bruna Zani, 1997:238).

Da mesma maneira, relembrem Bitti e Zani (1997: 235), há que ter em linha de conta a atitude do receptor, as suas características, na interpretação da mensagem, a situação específica em que ocorre, o tipo particular de conteúdo e de forma da própria mensagem. Normalmente o emissor é mais persuasor quando a audiência tem credibilidade na mensagem por si emitida. Um emissor com um maior prestígio social ou técnico tem, normalmente, mais credibilidade.

Sendo um meio de difusão massiva, a rádio insere-se, naturalmente, no plano dos *media* com influência social. É, pois, também um meio gerador de influências, nomeadamente através de programas como o que se aqui se analisa.

O Livro de Estilo da TSF aborda também a influência que subjaz todo o processo radiofónico: *“a rádio é o meio de difusão que mais influencia a mensagem, que mais transforma os conteúdos. (...) Enquanto meio, a rádio possui determinadas características; a televisão, o jornal ou a Internet também. Mas nenhuma delas é a acumulação; poder, simultaneamente, ler o jornal e ouvir rádio, cozinhar e ouvir rádio, conduzir e ouvir rádio.”* (Meneses, 2003:26)

É esta adaptabilidade da rádio à vida quotidiana dos cidadãos que a transforma num poderoso meio de difusão das mensagens. De facto, e traçando um paralelo com a realidade da TSF e do Fórum, é natural que um programa que conta já com vários anos na antena, numa rádio a que se reconhecessem créditos e prestígio, possa ter um importante papel no espaço público. Sobretudo quando se trata de uma rádio com expressão a nível nacional, podemos arriscar que são debates como os que têm lugar no Fórum que contribuem para a educação e formação dos ouvintes.

Mais difícil será inferir sobre a influência do programa nas opiniões dos ouvintes. No entanto, esta será a tarefa do inquérito por questionário, que será apresentado numa fase posterior desta dissertação, com o propósito de perceber se os ouvintes e participantes do fórum TSF reconhecem que as opiniões que por ali são discutidas, são susceptíveis de influenciar a opinião pública e, eventualmente, se podem influenciar algumas intenções do governo.

3. A participação como género radiofónico

A participação dos ouvintes é um dos motivos de toda a actividade do Fórum da TSF. Como efeito, Cébrian Herreros considera a participação como um género radiofónico. Contudo, Merayo Pérez (1992:223) tem um entendimento totalmente distinto: *“o género participação tem modalidades, estrutura e fins definidos, pode operar com autonomia relativamente a outros géneros e está plenamente consolidado na radiodifusão de muitos países.»*

“Enquanto género radiofónico, entende-se por participação aquela estrutura discursiva que tem como fim principal tornar público o contacto imediato e particular que se estabelece entre o sujeito emissor da comunicação e determinado ouvinte individual”, considera Pérez, que propõe, de seguida, dois tipos de participação, quer se utilizem códigos linguísticos orais ou escritos:

“1. A que se estabelece por escrito é uma participação restritiva já que se encontra condicionada por vários limites: de expressividade, derivados do uso de um código escrito; de velocidade, impostos pela lentidão com que o código linguístico se utiliza, se traduz e se transmite; e, finalmente, limites de espaço, sempre mais estritos que os de tempo;

2. (...) A comunicação mais perfeita é a de carácter oral, pois que possui maior riqueza linguística e expressiva e permite uma resposta imediata, é na medida esta modalidade que o género participação tem mais relevância.» (Merayo Pérez, 1992:224)

O autor espanhol refere, ainda, a existência de duas modalidades de participação oral, uma no estúdio e a outra por telefone.

Merayo Pérez afirma que *“o género participação pode actuar como participação essencial, isto é, género principal do programa ou da secção radiofónica”* ou então como *“uma participação complementar, integrando-se no programa ou secção sem chegar a ser constitutivo imprescindível.”* (Merayo Pérez, 1992:229). Pérez considera, ainda, que *“a participação essencial é aquela que configura programas e secções baseadas exclusivamente na participação dos ouvintes, de modo que sem ela o programa ou a secção perde a sua razão de ser. “ A participação é, para o autor, “indispensável e, sim é necessária, pois que, ao contrário, o programa ficaria sem conteúdo.”* (Merayo Pérez, 1992:229)

De entre sete modalidades de programa de participação essencial que Pérez define destaca-se este, por ser aquele em que o Fórum TSF parece ‘encaixar’:

“De actualidade. Quando o tema proposto faz referência a factos recentes de interesse geral, a participação dos ouvintes recolhe opiniões e pontos de vista acerca da questão. Trata-se de espaços em que se pretende pulsar o estado da opinião pública acerca de uma realidade concreta.” (Merayo Pérez, 1992:229)

No âmbito ainda da temática da participação, Mariano Cébrian Herreros fala numa *“rádio democrática”*, uma vez que

“se constitui como um espaço dos processos comunicativos dos cidadãos, mediante diálogo e de debate, com um enfoque plenamente plural na sua relação com o social, político, económico, ideológico ou cultural, com especial atenção para combinar este serviço entre as maiorias e as minorias, com uma certa relevância para a sociedade.” (2007:205)

O contributo do Fórum parece preencher os pressupostos que Herreros aqui descreve, na medida em que se inscreve num espaço de participação cívica, num debate plural, uma vez que os temas que por ali passam são, efectivamente, plurais, tocam no âmbito social, político, económico, entre outros.

4. O ouvinte como agente decisivo na rádio.

O foco central deste relatório é, como se diz desde o início, o ouvinte. É a ele que retomamos a todo o momento para reflectir sobre rádio.

É curioso verificar que a rádio é um meio que “esconde” protagonistas. Por um lado quem discursa na rádio, e, por outro, quem a ouve. Será interessante analisar

esta relação e, mais especificamente, saber que atenção merece, realmente, o ouvinte. Parece evidente compreender que sem ouvintes, uma rádio não poderia sobreviver.

As estatísticas apenas dão uma leve e ténue ideia da origem dos ouvintes, bem como em que circunstâncias e locais costumam ouvir a rádio. Por isso, nunca se sabe com rigor absoluto que tipo de ouvintes normalmente acompanha as emissões. Com frequência, as rádios posicionam-se para um determinado público-alvo, e adoptam uma linguagem e uma postura, de acordo com isso mesmo.

A este propósito, Kalle Lisberg, director-geral da estação norueguesa P4, em entrevista ao Diário de Notícias⁸, considera que “*aperfeiçoar constantemente o nosso produto, consolidar uma estratégia de oferta e definir claramente o posicionamento da rádio e do seu público-alvo são alguns dos princípios a ter em conta*”. Lisberg define, desta forma, alguns dos pilares essenciais da actividade de uma rádio, entre eles a definição clara do público-alvo.

Uma rádio de entretenimento, por exemplo, virada para um público mais jovem, terá, certamente, uma linguagem e *modus operandi* completamente diferente de uma rádio de cariz essencialmente informativo. No entanto, tudo parece indicar que a TSF trabalha para um público diferente, composto por adultos e jovens adultos, estendendo-se até a pessoas de idade já avançada, nomeadamente, aposentados. Esta aferição pode, talvez, colher do próprio programa de que este relatório se ocupa, o Fórum TSF, alguma força indutiva. Na verdade, neste programa, a participação dos ouvintes revela, tendencialmente, uma grande franja de indivíduos com graus académicos elevados, não obstante a presença de outras profissões com menor exigência académica.

No fundo, e como o ex-editor do Fórum teve oportunidade de referir na entrevista que se apresenta em anexo, todos os indivíduos, não obstante o grau académico de que dispõem, valem o mesmo democraticamente, ou seja, um voto. A força de uma rádio trabalha sempre com os ouvintes no pensamento. É neste domínio que reside a força deste meio.

Convém assinalar a perspectiva do Livro de Estilo da TSF sobre os ouvintes, na sequência de todo o processo produtivo de um trabalho jornalístico:

“Não é possível escrever uma notícia sem pensar que o ouvinte pode começar a ouvir a meio, perdendo, portanto o início; que facilmente se distrai do que está a

⁸ Edição de Terça-feira, 9 de Novembro de 2004, do Diário de Notícias

ouvir, porque lhe buzina num semáforo (...) ou que, mesmo estando em casa, concentrado a ouvir o relato do futebol, o telefone pode tocar no momento do golo...” (Meneses, 2003:26)

No fundo, o jornalista terá de fazer sempre esse paralelo com a mente dos ouvintes, e o que estes poderão pensar ao ouvir determinada expressão, no prosseguimento de toda a sua actividade. O Livro de Estilo afirma mesmo que

“nenhum jornalista de rádio, por mais experiente que seja, pode esquecer que as condições da escuta da mensagem condicionam-na fortemente (...) quando escrevemos e quando falamos na rádio, temos de pensar que há cuidados a ter em conta, muito mais quando escrevemos, porque no improvisado nem sempre isso é possível.” (Meneses, 2003:26)

4.1 O ouvinte em traços gerais

Por tudo exposto, a rádio potencia concepções que não se inscrevem apenas no duplo movimento entre locução e audição, tido muitas vezes como algo estanque e sem directriz que legitima tal situação. O acto da escuta radiofónica pressupõe um ouvinte atento, com um comportamento voluntário e consciente do seu papel que o mantém vinculado a esse processo. Por tal motivo, há argumentos que estão além de determinadas prerrogativas ancoradas como fundamentais para o êxito da rádio no contexto dos meios de comunicação social, tais como: diverte, informa ou torna-se “companhia” nos momentos de solidão, além do pressuposto de que apresenta linguagem simples, objectiva, coloquial e invocativa, de tal maneira que qualquer pessoa pode ouvir rádio, mesmo sendo analfabeto.

Ouve-se rádio porque ainda é um veículo que ao longo do tempo tem possibilitado um estado de fruição compreensiva, o que denota um ouvinte activo, afectado pelos componentes estéticos e artísticos, os quais são agregados às peças radiofónicas.

Ouve-se rádio como uma fonte de informação imediata, precisa, relevante ao conhecimento de mundo do ouvinte, e por se querer estar inserido nesse mundo onde os acontecimentos pautam a vida social, sem o qual é possível se manifestar numa situação de alheamento da realidade.

Ouve-se rádio porque é um meio que atrai o ouvinte pela natureza própria de promover sentidos que perpassam pelo prazer, identificação, bem como engloba também a estética da recepção. E como é da essência humana gostar de sentir prazer, a cada dia a rádio é revisitada, instaurando o carácter de permanência, razão

pela qual demovemos a ideia de que as novas tecnologias ou a era digital podem comprometer a sua existência no campo da comunicação mediática.

A propósito, Cunha (citado por Moreira e Bianco, 2001:01) destaca: “o valor de permanência da rádio no horizonte actual e futuro próximo segue baseado na sua capacidade de suscitar efeitos junto à recepção e no seu poder de mobilização”.

Entende-se, por fim, que o ouvinte de rádio é um sujeito histórico, socialmente constituído pelo seu ambiente cultural e identificado, é selectivo e consciente do seu estar no mundo que o circunda e revela clareza na sua opção pela audição. É esse o ouvinte que diariamente reconfigura a sua experiência estética, ampliando os seus horizontes de expectativas e, por extensão, reunindo um repertório de informações que o torna mais sensível à produção radiofónica, com maior produção de sentidos.

5. O ouvinte e o prazer de ouvir

A comunicação verbal é, portanto, a principal via entre o locutor de uma rádio e um ouvinte. Qual será a postura, o comportamento de um ouvinte?

Bakhtin já destacara que, durante a comunicação verbal, no qual estão presentes o locutor e o receptor (ou ouvinte), a compreensão discursiva entre os sujeitos não ocorre de forma passiva, e sim por meio de respostas ao fluxo verbal pelo que o autor designou de atitude responsiva activa, afirmando:

“De facto, o ouvinte que recebe e compreende a significação (linguística) de um discurso adopta, simultaneamente, para com este discurso, uma atitude responsiva activa: ele concorda ou discorda (total ou parcialmente), completa, adapta, apronta-se para executar, etc., e esta atitude do ouvinte está em elaboração consoante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso, às vezes já nas primeiras palavras emitidas pelo locutor” (Bakhtin, 1997:290).

Sendo assim, esta “compreensão responsiva activa” oferece outra forma de pensar sobre a postura do ouvinte em rádio. Antes concebido como um sujeito que apreende passivamente o conteúdo da mensagem ou produto radiofónico, o ouvinte desenvolve posturas que vão de encontro à tal prerrogativa: é um autor social, historicamente situado e constituído pelo seu *savoir-faire*, que compreende a dinâmica das intenções discursivas e que identifica o sentido das acções das pessoas na vida quotidiana, que tem como eixo estruturante a ideia de que “o actor social não é um idiota cultural”(Coulon, 1995:26).

O ouvinte é atraído por determinada emissora ou certo programa radiofónico por um certo apelo sensorial e racional que tal situação provoca. E isso, por extensão,

não ocorre de modo fortuito, como afirma Adriano Lopes Gomes: “o ouvinte experimenta uma fruição compreensiva em torno do objecto de sua audição, formulando conceitos e ideias que extravasam a mera explicação de que ele está sintonizado simplesmente por gostar” (Adriano Gomes, 2006:3).

Sintonizar a rádio, está, portanto, associado a um prazer, sobre o qual o ouvinte tem uma ideia clara relativamente à sua opção. Compreender o fenómeno da recepção radiofónica supera o interesse de identificar no ouvinte o que ele sentiu ao sintonizar determinada emissora de rádio e acompanhar a programação, portanto aqui está incluída a ideia do prazer com atributo que surge na interacção com o produto radiofónico.

Como já foi referido anteriormente, é um dos propósitos desta dissertação perceber por que motivo telefonam os ouvintes da TSF para o Fórum, independentemente de saber se, de facto, há uma intenção de modificar alguma realidade social ou política, mas tomamos como certa a razão indicada pelos autores citados: o prazer.

Ao tentarmos aproximar os estudos da estética da recepção às teorias do rádio, insistimos no pressuposto de que a escuta radiofónica provoca determinadas reacções nos ouvintes, o que nos permite afirmar que, ao sintonizar certa programação de uma emissora, é impossível ficar indiferente à mensagem veiculada: gosta ou detesta, considera ou desconsidera a relevância para si, acata ou muda de estação.

Convém aqui assinalar que, classicamente, a rádio tem a função primordial de entreter, informar, formar opinião, situações essas que não podem estar afastadas da relação dos sentidos que incidem sobre o imaginário e repercutem no campo sensorial do ouvinte. Se assim o é, imperioso será reconhecer o papel do produtor de rádio que deve considerar a recorrência desses elementos nos actos de emissão e recepção da escuta radiofónica.

Fica então comprovado que o papel do ouvinte em rádio é, de facto, importantíssimo, pelo que os produtores de conteúdos deverão ter sempre o máximo de cuidado e atenção para a programação que emitem.

6. O ouvinte e os imperativos de locução: os códigos paralinguísticos e os efeitos de recepção

Na questão da experiência estética da recepção sonora da rádio, será pertinente evidenciar, aqui, os *elementos verbais e não-verbais* (Adriano Gomes, 2006:27) implícitos na peça radiofónica:

“Os paralinguísticos, revelados nas inflexões de voz – tais como pausa, entoação, acentuação, intensidade e altura da voz, e o silêncio. Além da voz, os elementos artísticos ainda se concentram nas músicas, spots e jingles que, de igual modo, provocam no ouvinte e nas suas instâncias sensoriais, racionais e emocionais. Quando analisamos o processo de comunicação oral, é oportuno inserir o comportamento não-verbal dos locutores de rádio, mesmo porque os eventos de fala convocam inevitavelmente os elementos paralinguísticos presentes na interação verbal.”

Existem factores que intervêm, decisivamente, para uma boa leitura do texto radiofónico. No entanto, a pausa, entoação, acentuação, aos quais se poderiam acrescentar, a dicção ou o sotaque, convergem para um sentido único, ou seja, o da correcta leitura do texto. É precisamente no âmbito da paralinguística que Adriano Gomes, utilizando as palavras de Rector e Trinta, acredita que estão as “normas da entoação das palavras”:

“A paralinguística apoia a compreensão dos aspectos prosódicos, estilísticos e da língua falada ao estabelecer regras normativas da entoação das palavras que carregam a expressão dos sentimentos e afectos do falante, revelados no acto da enunciação. Aborda situações da linguagem cujo domínio está situado teoricamente na área da fonética e fonologia, permitindo a transição entre o verbal e o não-verbal em que a voz anuncia a palavra” (Rector e Trinta, 1999:18, citado por Adriano Gomes, 2006: 34).

Portanto, os códigos paralinguísticos sobrepõem o significado literal das palavras, uma vez que as diferenças de emissão sonora de certas expressões vão determinar a natureza intencional das palavras e possibilitar a compreensão do que se quer dizer. Uma abordagem consideravelmente necessária, pois o locutor pode transmitir uma intenção velada na entoação da voz, demovendo o princípio da “imparcialidade jornalística”, situação igualmente complexa, visto que não há fala que não comporte uma entoação:

“As atitudes paralinguísticas do locutor entram no estudo descritivo dos efeitos de recepção por afectar os sujeitos no processo de audição, chegando a conduzir a significação das peças radiofónicas ou mesmo eliminar possíveis dúvidas e incertezas semânticas durante a veiculação” (Guiraud, 1991:97, citado por Adriano Gomes, 2006).

A depender da natureza do programa radiofónico, a locução irá traduzir certas impressões nos ouvintes: situações de suspense e desespero, estados de alegria ou tristeza, das quais resultam certos sentidos quando o locutor acentua determinadas palavras, formula inflexões ascendentes ou descendentes, alonga determinados vocábulos, enfatiza interjeições, destaca sílabas, faz pausas, fala mais alto ou de modo brando, adicionando-se, ainda, os recursos artísticos da sonoplastia.

Cada uma dessas características imprime um fluxo intenso de comunicação possível de suscitar actividade cognitiva nos ouvintes, promovendo-lhes interesse, atenção, concentração e prazer.

O acento em determinadas palavras ou sílabas é um recurso de saliência vocal que se apresenta de forma enfática na emissão sonora. Tem a função de facilitar a fluência na linguagem falada e destacar alguns vocábulos que, no contexto da frase, carregam maior valor lexical e semântico. Um exemplo que testemunha como o modo de leitura de uma notícia pode provocar determinadas reacções é o que nos apresenta Adriano Lopes Gomes (2006:34).

“Tomemos como exemplo hipotético a seguinte notícia radiofónica: “preço da gasolina sobe treze por cento e passa a custar dois reais e cinquenta e nove centavos, o litro. Este é o quinto aumento do ano. Nos postos de gasolina, a reclamação dos consumidores é grande”. Observemos que determinadas palavras requisitam maior apelo na acentuação, tais como “treze por cento”, “quinto aumento”, “é grande”.

Podemos então concluir, pelas palavras deste autor, que o ouvinte teria uma reacção negativa á notícia. Em primeiro lugar, o aumento dos combustíveis é uma factura cada vez mais cara, e com reflexos nos orçamentos, mas por outro lado, a forma como foi lida a peça predispõe o ouvinte a tal reacção, através do ênfase que é dado a determinadas expressões, como já foi devidamente referido.

A identificação da voz pelo ouvinte estabelece também o contexto comunicativo, sinalizando os diferentes momentos da programação: distingue o que deve ser acreditado enquanto informação jornalística do que deve ser percebido como propaganda ou assumido como pura brincadeira para fins de entretenimento. A necessidade de demarcar fronteiras entre os diversos géneros faz com que as emissoras procurem distinguir as vozes que aparecem em diferentes momentos da programação.

No início, *"o radiojornal procurava em tudo e por tudo reproduzir as características da imprensa"*. Os hábitos e convenções da página impressa são

transferidos para o novo meio da maneira mais literal possível, "*indo assim ao encontro com os costumes dos leitores de jornal*" (Gonçalves, 1956:36-44). Títulos quase gritados, com os artigos suprimidos, e a ideia de uma "paginação" rígida com secções fixas e "espaços" limitados por assunto, originam-se neste esforço de transposição fiel da experiência gráfica através do "*jornal falado*".

Desta maneira, a linguagem do radiojornalismo foi pensada naturalmente como uma nova forma de apresentação da mesma mensagem escrita. Tudo o que era dito ao microfone deveria ter sido escrito antes, tanto como para controlar o conteúdo como para dar garantias de correcção. A cadeia inglesa BBC chegou a produzir *scripted discussions*, debates em que as participações eram previamente gravadas, transcritas no papel, "corrigidas" e só então levadas ao microfone da emissora pelos mesmos participantes, que liam as suas próprias palavras anteriores tentando "*reproduzir a naturalidade original*" (Horstmann, 1988:11).

O condicionamento dos profissionais pela máquina de escrever era tão forte que muitos confessaram que se sentiam "inseguros" e "perdidos" com o surgimento de programas que aboliam a etapa textual da produção, utilizando a fala de repórteres pelo telefone. A preocupação com o conteúdo mais do que com a forma, as dificuldades de comunicação deste conteúdo pelo meio invisível e os condicionamentos organizacionais de seu modo de produção contribuíram para moldar a linguagem inicialmente adoptada pelo radiojornalismo, por um esforço extremo de simplificação. A "lei da economia" aplicada à linguagem do radiojornalismo fez com que inicialmente ela fosse pensada exclusivamente enquanto texto. Tal postura tinha como contrapartida o locutor absolutamente neutro, um mero "instrumento de estúdio". O padrão de "sobriedade de locução" que vigorou então, e que ainda hoje é tido como o ideal em muitas emissoras voltadas para um público de elite, foi buscado, significativamente, como relata Ford (1969:110), na forma contida adoptada pelos jornalistas na cobertura de cerimónias fúnebres. No entanto, a contenção ensaiada nunca foi suficiente para dotar a voz humana de uma neutralidade que é, de facto, impossível. Barthes (1973:116) distingue em toda a fala um "*grão da voz*".

Além de um componente psicológico inseparável, Barthes também localiza na fala a explicitação de uma variável sócio-linguística,

"os falares diferem de grupo para grupo, e cada homem é prisioneiro de sua linguagem: fora da sua classe, a primeira palavra marca-o, situa-o inteiramente e expõe-o com toda a sua história. O homem é oferecido, entregue pela sua linguagem,

traído por uma verdade formal que escapa às suas mentiras interesseiras ou generosas (Barthes, 1964:67)."

A fisionomia da voz que se pretendia "neutra" no jornalismo deveria conotar confiança, autoridade, correcção, elegância e superioridade cultural da classe social que controlava a emissão. A BBC, que ditava padrões internacionais de "*radiogenia*", exigia que os seus locutores lessem as notícias vestidos a rigor, com roupas de grife (Lewis & Booth, 1989:96).

O grão da voz é importante na medida em que se consideram as diversas funções semióticas que desempenha na comunicação radiofónica. No radiojornalismo, a voz do locutor informa não apenas o conteúdo das notícias, mas funciona igualmente como signo indexical que informa o programa e a emissora em que o ouvinte está sintonizado.

A presença humana inerente à vocalização torna-se desta forma inseparável da presença institucional, ao mesmo tempo em que a presença institucional se manifesta apenas através da mediação humana. Tal ambiguidade dissolve convenções estabelecidas no jornalismo impresso para separar informação de opinião, e obriga as emissoras a conterem tanto a própria subjectividade quanto a de seus profissionais, como única forma de resguardar cada uma delas de uma identificação indesejada.

7. O ouvinte já não é só aquele que ouve, mas aquele que liga a dar notícias

No mundo actual, o ouvinte, no caso da rádio, já não é um mero receptor de notícias. Muito pelo contrário. Não são raras as situações em que os cidadãos ligam para a redacção de uma rádio a denunciar uma ou outra situação. Jornalismo do Cidadão, Jornalismo Colaborativo, Jornalismo *Open Source* ou ainda Jornalismo Participativo, são termos que traduzem uma ideia de jornalismo na qual o conteúdo (texto, imagem, som ou vídeo) é produzido por cidadãos sem formação jornalística, que não integram a redacção de um determinado órgão de comunicação social, e que procuram colaborar com jornalistas profissionais. Esta prática caracteriza-se pela maior liberdade na produção e veiculação de notícias, já que não exige formação específica em jornalismo para os indivíduos que a executam.

No entanto, há quem englobe na noção de "jornalismo", todas as pessoas que, de uma maneira ou de outra, já tenham participado na actividade jornalística de um

determinado órgão de comunicação social. A assunção pertence a Jeff Jarvis, jornalista norte-americano, editor do *New York Daily News* e colunista do *San Francisco Examiner*, para quem “é um erro definir o jornalismo com base em quem o pratica. Há pessoas que podem fazer um acto de jornalismo uma única vez na vida. Por exemplo, alguém que no tsunami [no Sudeste asiático] tirou uma foto do que se estava a passar, isso foi um acto de jornalismo.”⁹

Actualmente, Jeff Jarvis é também autor do influente *blogue* Buzzmachine e um dos especialistas mais importantes nos EUA sobre a evolução da Internet. Na mesma entrevista, o jornalista considera que “o papel do jornalista muda. Temos mais gente a fazer jornalismo, isso pode ser confuso; há um papel para os jornalistas, que é editar, gerir [“curate”], talvez até ser educadores, ajudar as pessoas a fazer jornalismo melhor. A ideia de que as instituições são donas do jornalismo, isso vai acabar.”¹⁰

Todavia, há estudos que referem o abrandamento do “jornalismo do cidadão”. O quinto estudo anual *The State of News Media*¹¹, levado a cabo nos Estados Unidos da América, divulgado em 21 de Março de 2008 e publicado na revista Meios & Publicidade, na edição de 28 de Março de 2008, denunciou a transformação da notícia num serviço e a desaceleração do chamado jornalismo do cidadão.

De acordo com o documento, “os observadores tinham tendência para ver a tecnologia como um factor de democratização dos media, e o jornalismo tradicional como estando a caminhar para o declínio”. No entanto, se é verdade que as audiências se estão a fragmentar devido ao surgimento de novas fontes de informação, alguns especialistas defendem a ideia de que com o infinito potencial da web, milhões de novos mercados irão emergir, assim defende também o estudo. O novo desafio da indústria dos *media* passa, por isso, por reinventar a profissão e o seu modelo de negócio. Ao mesmo tempo em que a era dos repórteres a operar em multimédia chegou, a forma como as pessoas consomem notícias continuou a mudar durante o ano passado.

As notícias deixam de ser um produto para se transformarem num serviço: O estudo do *State of the News Media* aponta mudanças qualitativas no conceito de produto jornalístico e de notícia. O jornalismo deve servir para ajudar os cidadãos a encontrarem o que procuram e dar-lhes ferramentas para eles próprios usarem a

⁹ Extracto de uma entrevista de Jeff Jarvis ao jornal PÚBLICO, na edição de 21 de Abril de 2008

¹⁰ Extracto de uma entrevista de Jeff Jarvis ao jornal PÚBLICO, na edição de 21 de Abril de 2008

¹¹ <http://www.stateofthenewsmedia.org/2007>

informação. A notícia aproxima-se, assim, cada vez mais a serviço do que de um produto.

O contributo dos cidadãos nas notícias traduz-se geralmente em novas ideias, fontes, comentários e ainda fotografias ou vídeos. Todavia, os conteúdos noticiosos trazidos pelo cidadão mostram-se “*menos valiosos, com pouco de novo e pouca possibilidade de confirmação*”, indica o documento. Em vez de rejeitar o tradicional papel de “*gatekeeper*” do jornalismo, os jornalistas cidadãos e os *bloguers* parecem estar a recriá-lo em outros locais.

Apesar de não ter assistido a muitas situações típicas do chamado “jornalismo do cidadão” na redacção da TSF, durante a realização do estágio, situações há em que o ouvinte toma a iniciativa de “informar a rádio”. Refiro-me, por exemplo, a situações que envolvem acidentes de viação e outras informações sobre o tráfego automóvel que são normalmente transmitidas para os gabinetes de trânsito através de telefonemas dos cidadãos. Na verdade, esta é, talvez, uma prática bem mais comum que a denúncia de situações directamente para os jornalistas da redacção, uma conclusão que restrinjo, como é natural, apenas aos três meses de estágio em que pude acompanhar de perto estas situações na redacção.

III. Das reflexões teóricas para o contacto com os ouvintes

1. Introdução: A observação: da definição do método até aos resultados empíricos

Para o conjunto das questões devidamente explanadas no enquadramento teórico, importa perceber que mecanismos, que estratégias podem ser utilizadas para testar os ouvintes e participantes do Fórum da TSF. O objectivo primordial, recorde-se, não consiste em avaliar o grau de participação dos ouvintes neste espaço, nomeadamente ao nível da frequência com que entram na antena para dar as suas opiniões. Essa é apenas uma informação estatística, de mera contextualização. O principal objectivo reside na indagação dos motivos que levam os mais diversos ouvintes a inscreverem-se no Fórum, para participarem no programa. Os motivos podem ser os mais variados, uma vez que cada ouvinte poderá, eventualmente, ter a sua própria visão deste fenómeno.

Na base desta dissertação, e mais concretamente nesta etapa da observação, foram escolhidos dois métodos para aferir as razões inerentes à participação dos ouvintes no Fórum TSF: em primeiro lugar, a realização de inquéritos por questionário aos ouvintes e participantes do Fórum; em segundo lugar, uma entrevista a Manuel Acácio, ex-editor principal do Fórum TSF e responsável por este espaço de opinião pública durante oito anos, no sentido de averiguar questões como o impacto dos programas de opinião pública na sociedade e na política portuguesas, ou saber mesmo qual é a opinião do editor sobre o episódio que motivou a presente dissertação, relacionado com a intenção do Governo em cobrar, aos portugueses, uma determinada taxa sobre os sacos plásticos.

2. O inquérito por questionário: estrutura e resultados

a) O método

Na prossecução dos objectivos deste trabalho, foi adoptada uma metodologia que teve por base a realização de um inquérito por questionário. Na verdade, serve este método, principalmente, para avaliar os motivos que estão na base da

participação dos ouvintes no Fórum da TSF. A ideia consiste, ainda, em colocar diversas questões aos participantes sobre a rádio em geral e o Fórum em particular.

Segundo Quivy e Campenhoudt, o inquérito por questionário *“consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativos de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou questões humanas e sociais (...)”* (1992: 190). No caso deste questionário, são as opiniões e atitudes em relação à rádio, à TSF e ao Fórum que pautam toda a estrutura do questionário. De acordo com as indicações de Quivy e Campenhoudt, um questionário pode chamar-se de *“administração directa quando o próprio inquiridor o completa a partir das respostas que lhe são fornecidas pelo inquirido. Chama-se de administração directa quando é o próprio inquirido que o preenche.”* (1992:190). Como o contacto com os participantes e a entrevista foram estabelecidos pelo telefone, o questionário foi aplicado através de uma *“administração directa”*, usando a terminologia dos autores referidos, uma vez que coloquei as questões e assinalei as respostas que obtive por parte dos inquiridos.

Quivy e Campenhoudt consideram, porém, que este método tem algumas desvantagens como por exemplo *“a superficialidade das respostas.”* Por outro lado, *“os resultados apresentam-se muitas vezes como simples descrições, desprovidas de elementos de compreensão penetrantes.”* (1992:191) De facto, a realidade acaba por dar razão aos dois autores, uma vez que, por vezes, seria preciso perceber melhor e a fundo, o motivo pelo qual os ouvintes só ouvem o Fórum uma vez por semana, ou participam raramente, entre outras questões que poderiam surgir depois de algumas respostas. No entanto, há que assinalar as vantagens do inquérito por questionário: *“o facto de a exigência, por vezes, essencial, de representatividade do conjunto dos entrevistados poder ser facilmente satisfeita através deste método”* (Quivy e Campenhoudt, 1992:191). Na verdade, este método serve, perfeitamente, os interesses de obter uma amostra que, embora diminuta em termos de elementos, apresenta, eventualmente, alguns traços representativos do auditório-tipo da TSF.

Participar no Fórum não é uma tarefa tão fácil como, eventualmente, se possa pensar, uma vez que tudo dependerá das inscrições. Ora, para um ouvinte entrar na antena, terá de se inscrever para o número de telefone que a TSF disponibiliza para a participação no programa (808 202 173). De seguida, a entrada dos ouvintes na antena é processada a partir da primeira inscrição. O número de inscrições varia de dia para dia, consoante o tema. Naturalmente que outro factor de que dependerá a

maior ou menor participação dos ouvintes é o tempo dedicado pelo editor para os ouvintes expressarem as suas opiniões. Em muitas edições do Fórum, a presença de convidados ou a existência de peças jornalísticas sobre o tema em debate impedem que o programa conte com a opinião de muitos participantes.

Quanto à selecção dos inquiridos, realizou-se tendo em conta o seguinte procedimento: numa primeira fase, os ouvintes inscreveram-se tendo em vista a participação. De seguida, a telefonista perguntou aos ouvintes se, logo após a participação no Fórum, estariam disponíveis para colaborar num questionário sobre o programa. A minha tarefa foi, portanto, recolher os números de telemóvel ou fixos dos participantes que aceitaram colaborar no estudo, e, mais tarde, estabelecer o contacto telefónico para realizar o questionário ao ouvinte em questão. Naturalmente que este método foi autorizado, antecipadamente, pelo director da TSF, Paulo Baldaia, e do ex-editor principal do Fórum, Manuel Acácio.

Os questionários foram realizados nos dias 28, 29 e 30 de Maio de 2008 e o local escolhido para a implementação desta fase do trabalho foi a redacção da TSF, em Lisboa, uma vez que é ali que, de segunda a sexta-feira, se realiza o Fórum da TSF.

Paralelamente aos inquéritos por questionário, pareceu-me interessante recolher, numa entrevista, algumas opiniões de Manuel Acácio, jornalista que estava há cerca de oito anos a moderar o debate no Fórum da TSF. Recorrendo, ainda, ao entendimento de Quivy e Campenhoudt sobre este método de investigação, a entrevista que tive oportunidade de realizar com Manuel Acácio, no dia 29 de Abril de 2008 – curiosamente o último dia em que o jornalista esteve à frente da edição do Fórum TSF como editor principal, depois de oito anos consecutivos a moderar os debates neste programa – encaixa-se no perfil de “*focus interview*”, descrito pelos autores como “*uma entrevista centrada, mais conhecida pela sua denominação inglesa, que tem por objectivo analisar o impacte de um acontecimento ou de uma experiência precisa sobre aqueles que a eles assistiram ou que neles participaram.*” (1992: 194)

A experiência de Manuel Acácio foi bastante útil para compreender o que sentem os ouvintes quando participam em programas como o Fórum, entre outros aspectos relativos ao programa.¹² Uma das vantagens associada a este método, referem Quivy e Campenhoudt, está no “*grau de profundidade dos elementos de*

¹² Consultar versão integral da entrevista na secção anexos: Anexo 1.

análise recolhidos (...) o facto de a flexibilidade do método poder levar a acreditar numa completa espontaneidade do entrevistado e numa total neutralidade do investigador” (1992: 195). Mais do que saber a opinião dos inquiridos, seria útil perceber que opinião tem um jornalista que durante anos, conviveu quase diariamente com a questão da participação dos ouvintes num programa de opinião pública.

b) A amostra

A amostra deste estudo recolheu as opiniões de 29 participantes do Fórum que aceitaram colaborar no questionário. A amostra conta, por isso, com 29 elementos, distribuídos entre 26 homens e três mulheres. À primeira vista esta distribuição pode parecer enviesada, uma vez que os participantes no Fórum podiam optar por não colaborar no questionário. Todavia, apenas duas pessoas, uma de cada sexo, preferiu não participar no inquérito.

No primeiro e segundo dias de inquéritos via telefone, nove participantes responderam às perguntas que o questionário contempla, pelo que no terceiro e último dia, onze pessoas registaram as suas opiniões e respostas às questões sobre o programa da TSF em análise. De referir, ainda, que a telefonista da TSF apenas sujeitava a participação no questionário os ouvintes que, efectivamente, tivessem participado no Fórum daquele dia em concreto. A lista de inscrições por dia é bastante extensa, pelo que a duração do programa, cerca de uma hora e trinta minutos, não permite que todos os inscritos participem.

A amostra é, contudo, bastante reduzida em número de elementos. No entanto, para os propósitos desta dissertação, a amostra escolhida serve apenas para dar um contributo na ilustração do caso, de toda a explanação teórica que já foi descrita anteriormente. Apesar de a população da amostra ser diminuta, não deixará, provavelmente, de indiciar algumas possíveis tendências de opinião que podem percorrer o auditório de ouvintes da TSF. É possível que, no futuro, uma amostra com um âmbito mais alargado, com um alcance superior à aqui descrita e estudada, possa, de alguma forma, confirmar algumas conclusões e leituras dos resultados que agora vão ser descritos.

c) A estrutura do questionário

O questionário¹³ é constituído por nove perguntas e procura, como é referido no cabeçalho do mesmo, compreender as motivações que levam os ouvintes a participarem no Fórum da TSF. As respostas são anónimas e confidenciais e servem, apenas e só, os interesses do presente estudo. Procurei sempre transmitir aos inquiridos estas informações, ao nível do propósito do estudo e da confidencialidade dos dados, para garantir a seriedade da investigação e para que os questionados sentissem que as suas respostas apenas iriam servir as intenções desta investigação.

As primeiras três questões servem apenas para uma mera contextualização dos inquiridos, em três vertentes: sexo, idade e naturalidade. Informações básicas e essenciais para a caracterização da amostra escolhida para o estudo.

Depois, questões genéricas sobre rádio como por exemplo, “**Costuma ouvir rádio?**” e “**Com que frequência ouve a TSF?**”, seguidas de duas perguntas mais concretas sobre a realidade do Fórum: “**Com que frequência ouve o fórum da TSF?**”, “**Com que frequência participa no fórum da TSF?**”. As alternativas de resposta, as escalas de frequência que decidi incluir, eram as seguintes: “Todos os dias”, “Duas ou mais de duas vezes por semana”, “Uma vez por semana”, “Mais raramente” e “É a primeira vez que ouço/ É a primeira vez que participo”.

A penúltima questão é, por si só, uma das grandes interrogações desta dissertação: “**Por que participa no fórum da TSF?**”. No caso desta pergunta, os inquiridos poderiam escolher entre uma ou duas alternativas das que se seguem: “Para partilhar opiniões”, “Para tentar mudar alguma coisa no país”, “Pelo meu interesse na actualidade”, “Para ocupar o tempo”, “Por nenhuma razão em especial” e “Outro”. Optou-se, nesta questão por admitir a escolha de duas alternativas, o que se prende com o facto de me parecer ser bastante redutor a nomeação de apenas uma razão, para justificar a participação no Fórum. No limite, em alguns casos, até mesmo duas razões podem ser insuficientes para justificar com clareza a participação no Fórum, mas julgou-se que duas poderiam ser representativas.

¹³ A consulta integral do questionário está disponível na secção anexos: Anexo 2.

A última questão é totalmente diferente das anteriores. O inquirido teria de classificar o grau de concordância ou discordância relativamente a uma determinada afirmação, numa escala de 1 a 5, sendo que o valor 1 diz respeito ao “Discordo muito”, e o 5 ao “Concordo muito”. A afirmação em causa é: **“O fórum da TSF é um espaço de opinião pública que pode influenciar algumas intenções políticas do Governo.”**

d) Leitura dos resultados: a confirmação de algumas suspeitas iniciais

O Gráfico 1 mostra, de forma inequívoca, a participação masculina no Fórum. Apenas três em 29 inquiridos são mulheres, o que equivale a dizer que apenas 10,3% da população é feminina, contra 89,7% de participação masculina. O sexo dos participantes é apenas uma mera indicação estatística, de caracterização da população da amostra.

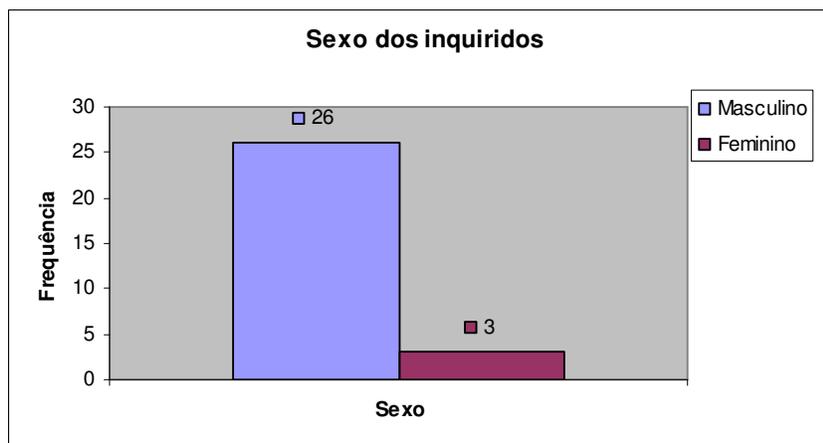


Gráfico 1 – Sexo dos inquiridos

Outra forma de caracterizar a amostra é através da idade (Gráfico 2). Neste particular, há uma incidência na classe “Entre os 31 e 40 anos”, já que a idade de nove inquiridos está compreendida neste intervalo. No entanto, é nas classes “Entre 41 e 50 anos” e “Entre 51 e 60 anos” onde se verifica um empate no número de participantes de sete ouvintes cada. Conforme a linha da idade vai avançado, a participação vai diminuindo. A classe “Entre 31 e 40 anos” tem, em termos percentuais, 31% do peso relativamente ao resto dos intervalos etários. As duas classes empatadas, “Entre 41 e 50 anos” e “Entre 51 e 60 anos”, detêm, cada uma, 24,1% das ocorrências. Se

juntarmos estas últimas três classes, numa espécie de intervalo mais amplo, então pode-se afirmar que 79,2% da população deste estudo tem entre 31 e 60 anos, um dado que indica a predominância desta faixa etária da população. A média calculada entre todas as idades é de 49 anos, o que exige, contudo, uma nota relativamente às idades mínimas e máximas. O participante e inquirido mais novo tem 31 anos, sendo que no pólo oposto, registaram-se dois ouvintes com 72 anos. Em termos de espectro etário, este gráfico pode, de alguma forma, dar algumas pistas sobre o auditório da TSF.

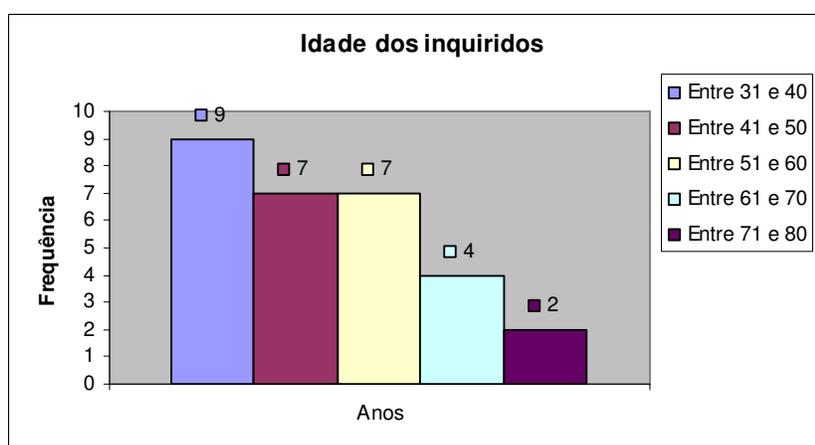


Gráfico 2 – Idade dos inquiridos

A naturalidade dos inquiridos foi também um critério para caracterizar, em termos genéricos, os elementos da amostra. Embora a informação que se produza a partir deste ponto possa não ser particularmente relevante para os efeitos do estudo, talvez seja útil uma breve referência aos resultados apurados quanto à naturalidade. Pela análise do mapa de Portugal e das regiões autónomas (Gráfico 3), sendo que a localidade de cada inquirido está marcada com um pequeno ponto a preto – nota apenas para as cidades de Lisboa e do Porto, assinaladas a branco, já que registam três participantes cada – é visível uma predominância, quase a totalidade, de inquiridos oriundos de regiões do litoral. Existem apenas quatro inquiridos de zonas mais interiores e centrais de Portugal, ou seja, Tarouca, Guarda, Castelo Branco e Portalegre (leitura, de sul para norte, dos quatro pontos mais próximos da fronteira a este com Espanha). De registar, ainda, a ausência de participações provenientes das regiões autónomas dos Açores e da Madeira.

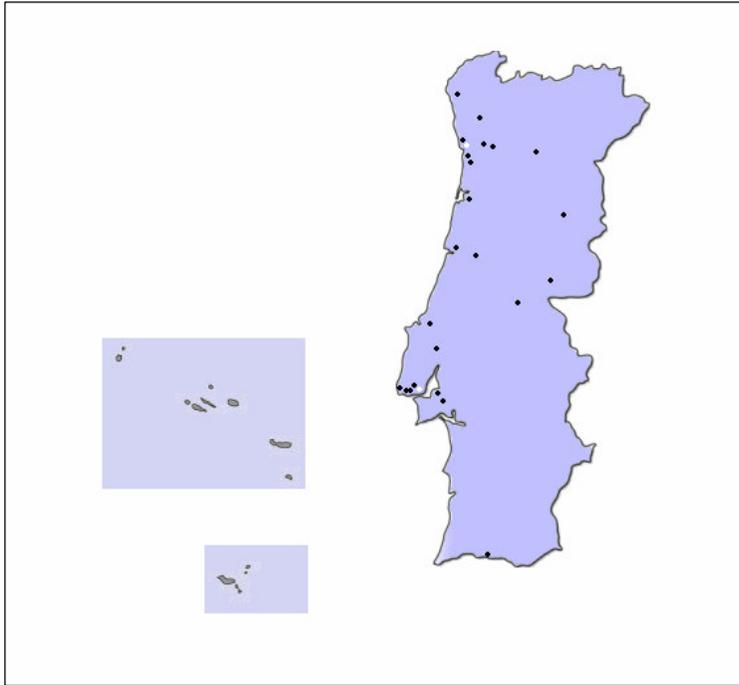


Gráfico 3 – Naturalidade dos inquiridos

Depois da caracterização da amostra, ao nível do sexo, idade e naturalidade, a primeira questão concreta sobre rádio. Uma esmagadora maioria indicou que ouve rádio todos os dias, como se pode constatar no Gráfico 4. Os resultados mostram que 93,1% dos inquiridos ouve rádio todos os dias, num total de 27 participantes que escolheram esta alternativa de resposta. Apenas dois inquiridos não responderam como a maioria, um escolheu a opção “Duas ou mais de duas vezes por semana” e outro referiu que ouve rádio uma vez por semana.

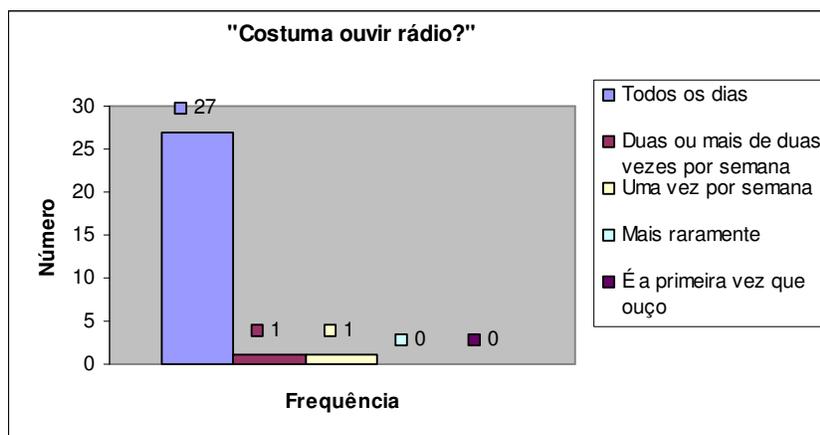


Gráfico 4 – “Costuma ouvir rádio?”

Em relação à frequência com que ouvem a TSF (Gráfico 5), os inquiridos responderam maioritariamente que ouvem esta estação todos os dias. Apesar de, nesta questão, a maioria não ser tão expressiva como na pergunta anterior, a dispersão dos dados continua nas mesmas três opções: 24 inquiridos dizem que ouvem a TSF todos os dias, quatro escutam a programação diária desta estação duas ou mais de duas vezes por semana e apenas um refere que só ouve a TSF uma vez por semana.

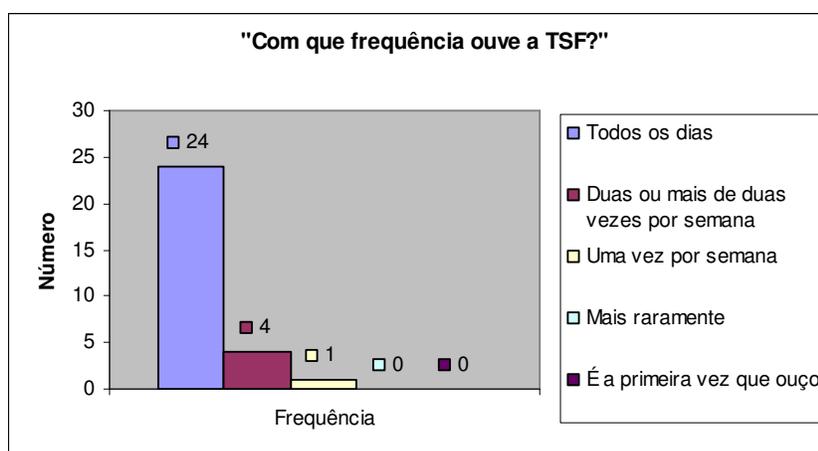


Gráfico 5 – “Com que frequência ouve a TSF?”

“Com que frequência ouve o Fórum?” (Gráfico 6) – Esta é a questão que inicia uma série de três perguntas sobre o Fórum. Os resultados mostram já uma dispersão por quase todas as hipóteses de resposta. No entanto, os inquiridos continuam a escolher a alternativa “todos os dias”, quer isto dizer que 18 em 29 inquiridos ouvem o Fórum da TSF todos os dias, o que depois se traduz em 62% do total. Sete inquiridos assumem que não ouvem o Fórum regularmente, ou seja, mais raramente. Dois ouvintes referem que ouvem este programa duas ou mais de duas vezes por semana, enquanto outros dois estão atentos uma vez por semana ao programa conduzido por Manuel Acácio. Todavia, o que importa sublinhar depois deste gráfico é que a maioria dos inquiridos assume que é ouvinte do programa todos os dias.

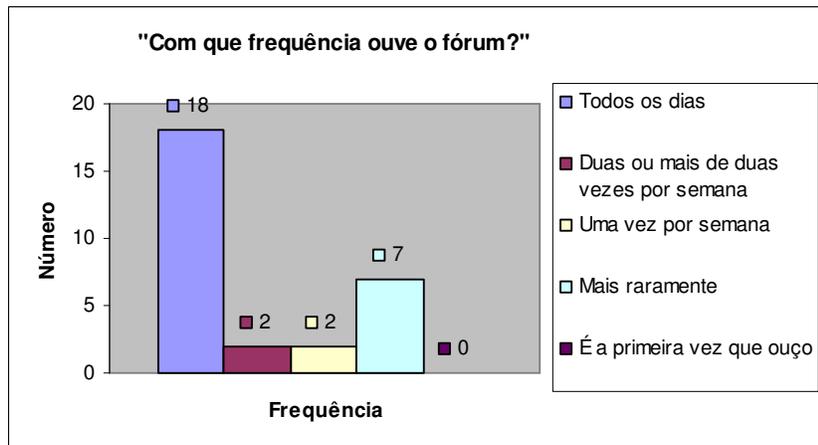


Gráfico 6 – "Com que frequência ouve o Fórum?"

É sobre a frequência com que participam no Fórum (Gráfico 7) que os inquiridos alteram as respostas que deram nas últimas questões. De facto, 79,3% dos inquiridos diz que participa no Fórum uma vez por semana, um número que vem de 23 escolhas desta opção de resposta. Três inquiridos revelam que participam duas ou mais de duas vezes por semana, o mesmo número que foi verificado também na opção "mais raramente". Há ainda registo de uma opinião de um ouvinte que confessou ser a primeira vez que participou no Fórum. No entanto, em termos reais, é praticamente impossível que um ouvinte participe todos os dias no programa. Pelo que se pôde apurar, este facto deve-se a uma questão relacionada com a política do Fórum, já que em nome da igualdade de participação de todos os inscritos e para garantir que o programa tem opiniões de pessoas diferentes todos os dias, a participação dos mesmos ouvintes não se pode verificar todos os dias. Curiosamente, ao longo dos questionários, muitos dos inquiridos mostraram-me a vontade em participar neste espaço de opinião pública todos os dias, caso a TSF assim o entendesse.

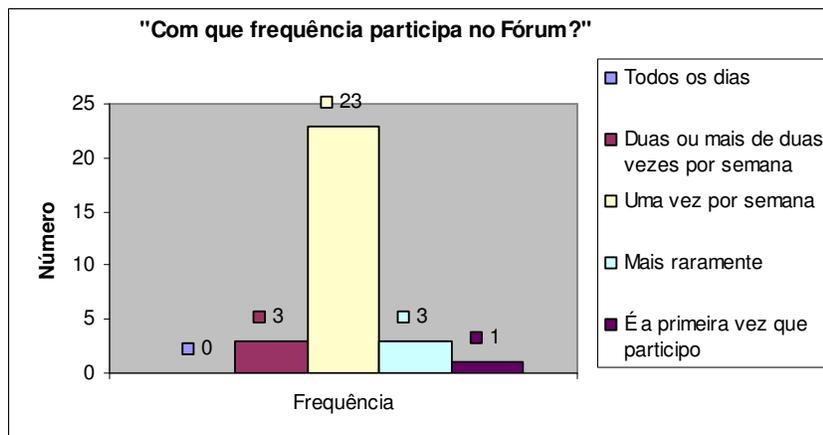


Gráfico 7 – “Com que frequência participa no Fórum?”

“Por que motivo participa no Fórum da TSF?” – é uma das perguntas mais importantes de todo o estudo que tem vindo a ser descrito nesta dissertação. É neste questionar dos motivos que levam os ouvintes a participar no Fórum da TSF que reside um dos grandes propósitos deste trabalho. Aqui veremos se a participação é movida por alguma vontade de mudar o país ou se, pelo contrário, é livre de qualquer intenção desse género, não esquecendo obviamente as outras alternativas que o questionário contempla, como por exemplo, o interesse na actualidade ou a partilha de opiniões.

Em termos de esquematização gráfica, a primeira tabela diz respeito apenas aos ouvintes que nomearam, apenas e só, uma razão, um motivo que os leva a participar no Fórum. Relembre-se que os inquiridos podiam escolher até duas alternativas de resposta.

O gráfico 8 mostra, de forma categórica, que num de total 15 pessoas que escolheram apenas um motivo, oito escolheram a razão “para mudar alguma coisa no país”, o que em termos percentuais equivale a 53,3%. O motivo “para partilhar opiniões”, como razão isolada para a participação, foi apenas escolhida por um inquirido, ao contrário de três pessoas que escolheram o interesse na actualidade e outras três inquiridos que nomearam apenas a opção “Outro”. As três razões registadas foram: “quando tenho conhecimento de causa sobre o tema”; “só quando o tema toca áreas onde já trabalhei”; e “expressar a minha preocupação”. Nota ainda para a ausência de respostas nos itens “para ocupar o tempo” ou “por nenhuma razão em especial”.

A partir deste gráfico já é possível traçar um cenário. Os inquiridos utilizam o Fórum para, de alguma maneira, tentarem mudar alguma coisa no país. Além disso, a partir do peso que esta opção tem, no cômputo geral das razões nomeadas isoladamente, deixa antever a importância que esta vontade de alterar a realidade nacional tem na mente do ouvinte da TSF. Por outro lado, o interesse pela actualidade e as razões já descritas na opção “Outro” também não deixam de ser importantes, na medida em que há ouvintes que também vêm o Fórum como uma forma de expressar uma certa preocupação.

Vejamos o que os dados nos indicam nas razões combinadas, ou seja, quando os inquiridos escolhem um motivo intercalado com um outro.

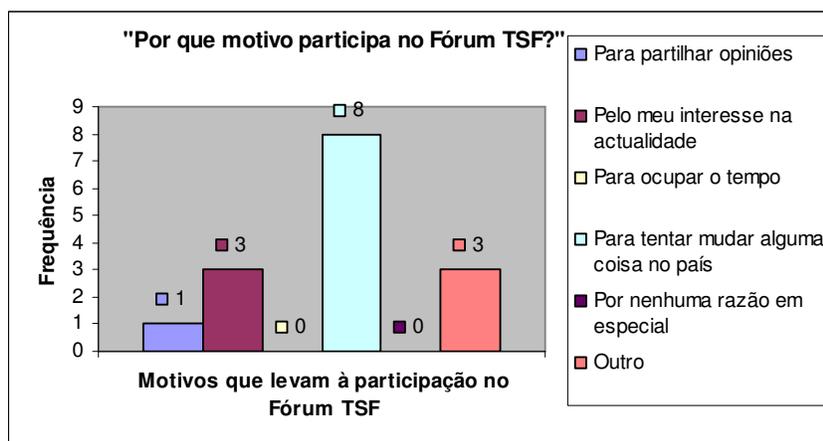


Gráfico 8 – “Por que motivo participa no Fórum TSF?” – motivo isolado

O Gráfico 9 procura dar resposta a como foram as inclinações dos inquiridos sempre que escolheram mais do que uma razão. Em termos gerais, as respostas indicam que 15 inquiridos escolheram apenas uma razão que serve de estímulo à participação no Fórum; por outro lado, 14 pessoas optaram por combinar duas razões. Neste ponto até houve um ligeiro equilíbrio.

No topo das razões combinadas mais escolhidas está o par “partilhar opiniões/ para tentar mudar alguma coisa no país”, com sete inquiridos a escolherem estas opções. Logo de seguida, um empate entre “partilhar opiniões/ pelo meu interesse na actualidade” e “para tentar mudar alguma coisa no país / Outro”, com três inquiridos. As razões recolhidas na opção “Outro”, por estes três indivíduos foram: “expressar a minha indignação”; “desabafar contra aquilo que está mal”; e “quando o assunto tem interesse para mim”. Por último, o par de motivos “Para partilhar opiniões/Outro” foi

apenas escolhido por uma pessoa, optando este ouvinte por incluir a justificação temas interessantes na opção “Outro”.

Como se comprova no Gráfico 9, metade das pessoas que escolheram duas razões, preferem justificar a participação no Fórum com base na partilha de opiniões e no desejo de mudar alguma coisa no país. Razões como o “expressar a minha preocupação”, “desabafar contra aquilo que está mal” são motivos que, embora assinalados por um indivíduo cada, mostram algum do estado de espírito que serve de apoio à participação no programa.

No entanto, e numa análise cumulativa com o gráfico anterior, é possível identificar que a razão “para tentar mudar alguma coisa no país” conta com 18 nomeações, o que num total de 29 inquiridos, representa 62,1% das preferências, isto é, mais de metade dos participantes acabou por admitir que o desejo de modificar algo no país, através da antena da TSF, tem algum peso na sua intervenção no Fórum.

Logo de seguida vem a razão “para partilhar opiniões”, com 12 solicitações por parte dos ouvintes, algo que pode ser interpretado como uma questão natural, decorrente de todo o processo inerente ao Fórum, afinal os ouvintes participam sempre no âmbito da exposição e troca de opiniões. Já mais distanciados estão as escolhas para a justificação “Outro”, com sete inquiridos e o interesse pela actualidade, com seis.

Através da análise destes dois gráficos atinentes às razões que norteiam a participação no Fórum, ficam ideias essenciais, como por exemplo, a prova de que a razão principal que os ouvintes enumeram é, precisamente, para tentar mudar alguma coisa no país. A partilha de opiniões e o interesse pela actualidade, a par de outras razões referidas, estão num segundo plano nas escolhas, no entanto não é retirada a devida importância no contexto do estudo.

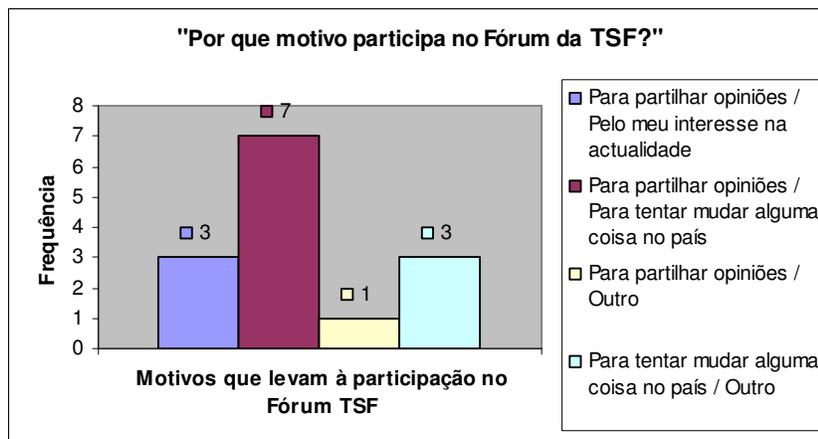


Gráfico 9 – “Por que motivo participa no Fórum TSF?” – motivos combinados

A última questão é totalmente diferente das anteriores. Com efeito, à afirmação **“O fórum da TSF é um espaço de opinião pública que pode influenciar algumas intenções políticas do Governo”**, os inquiridos reconhecem que o peso do Fórum é significativo e que pode influenciar em algumas decisões políticas do Executivo (Gráfico 10). Como se pode constatar, há um empate entre o número de inquiridos que optam por concordar muito (número 5) e os que colocaram o número 4, ou seja, quase na concordância total, isto é, uma igualdade de dez elementos em cada opção. Dos 29 inquiridos, vinte atribuem uma elevada concordância relativamente à afirmação, em esmagadores 69% das opções. De referir, ainda, que seis pessoas optaram por um posição intermédia, no nível três, enquanto apenas três discordam totalmente do cenário traçado entre a influência do Fórum e as decisões políticas do Governo liderado pelo Primeiro-Ministro, José Sócrates.

Aproveitando a opinião massiva dos inquiridos em participar no Fórum para tentar mudar alguma coisa no país, podemos admitir que boa parte dos inquiridos também identifica um grande peso do Fórum TSF na política portuguesa, de tal forma que consideram que as opiniões transmitidas neste programa podem desencadear alterações na vida política nacional num primeiro plano, isto é, quando as decisões estão para ser tomadas.

Como já foi referido anteriormente, a presente dissertação não pretende, justamente, inferir uma relação directa e perfeita entre a onda negativa de opiniões dos participantes do Fórum da TSF, contra a intenção do Governo em cobrar uma taxa de utilização pelos sacos plástico, e o recuo que, mais tarde, se veio a verificar por

parte do Executivo. Este estudo serve apenas para ilustrar aquela que é a opinião de uma amostra de participantes do Fórum. A intenção não será, portanto, extrapolar estes resultados para uma espécie de generalização inequívoca.

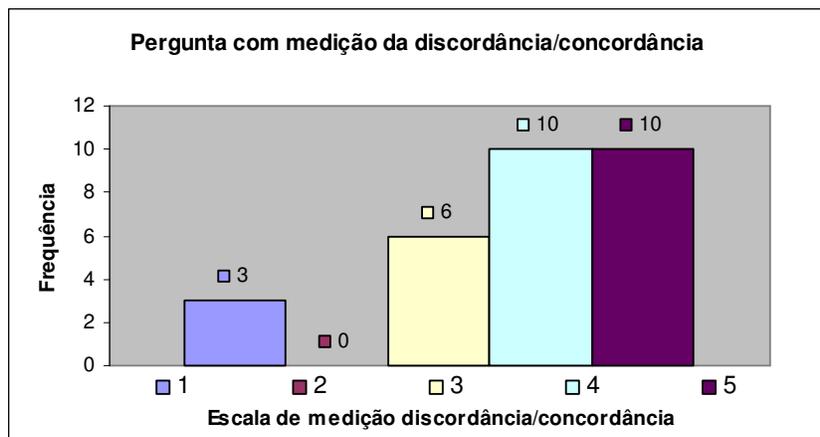


Gráfico 10 – Pergunta com medição da discordância/ concordância

IV. Conclusão e retrospectiva das linhas de pensamento

É na derradeira etapa de toda esta dissertação que se fazem balanços, retrospectivas de linhas gerais de pensamento. A conclusão, tal como o nome indica, sistematiza considerações que vêm desde o enquadramento teórico, até ao capítulo da observação.

No início deste trabalho, a preocupação primordial consistia em perceber as bases motivadoras de um ouvinte que decide inscrever-se para participar no Fórum da TSF. Conhecer a realidade que está por detrás deste comportamento, que, à partida poderia passar despercebida à maioria do ouvinte comum. Seria uma participação desinteressada, apenas baseada pelo simples partilhar de opiniões? Ou, pelo contrário, é uma participação condicionada por factores como o interesse pela actualidade, o expressar de preocupações, ou ainda por um desejo de alterar a realidade económica, social e política do país? Neste sentido, é lícito afirmar que existem dois pólos antagónicos que pautam a participação neste programa da TSF: um que se baseia na intervenção livre de qualquer fim ou propósito, apenas a mera participação; e um outro que engloba uma componente emocional, até de uma certa racionalidade política e democrática, uma vez que os participantes entram na antena com o justo propósito de alterar uma determinada situação.

Toda esta questão basilar assenta num episódio específico que ocorreu durante a realização do meu estágio curricular na TSF. Com já foi atrás mencionado, o Governo decidiu recuar na cobrança de uma determinada taxa sobre os sacos plástico. Os circuitos de opinião pública de vários órgãos de comunicação social, incluindo a TSF, registaram reacções negativas, por parte dos cidadãos, sobre o assunto. Em seguida, o objectivo que se colocou foi tentar perceber se programas como o Fórum da TSF podem influenciar, de alguma maneira, a política nacional e, no limite, algumas decisões do Executivo. Paralelamente a esta questão, seria útil perceber que razões servem de base à participação no Fórum, através de inquéritos por questionário a ouvintes/participantes neste espaço de opinião pública. A ideia de entrevistar o ex-editor do programa, Manuel Acácio, justifica-se no sentido de obter outras informações que as entrevistas e a bibliografia não podem fornecer.

Os resultados obtidos são claros. Reconhecendo, desde logo, que a amostra apresenta um número reduzido de elementos – e que as considerações que daqui se extraem não são susceptíveis de uma generalização –, importa reflectir sobre os dados recolhidos. Desde logo marcados por uma presença massiva de Homens (89,7% dos questionados), a caracterização da amostra, em termos meramente globais, aponta para indivíduos situados numa faixa etária entre os 31 e 60 anos. Quanto à naturalidade, uma predominância quase em absoluto pelas regiões mais ao litoral de Portugal.

Relativamente a questões mais específicas sobre rádio, 93,1% dos participantes inquiridos responderam que ouvem rádio todos os dias. Dos 29 questionados, 24 afirmaram que ouvem a TSF todos os dias. Sobre o Fórum, 79,3% dos ouvintes mostraram também acompanhar este programa todos os dias. A mesma percentagem de inquiridos revelou que participa uma vez por semana no Fórum, portanto é lícito afirmar que é uma intervenção regular por uma grande fatia de indivíduos.

Relativamente aos motivos que norteiam a participação no Fórum, o par de razões mais escolhidos foi “para partilhar opiniões/para tentar mudar alguma coisa no país”, pelo que se conclui que a motivação dos ouvintes insere-se numa lógica de alterar a realidade nacional, ao mesmo tempo que reconhecem que, de facto, estão no programa para partilhar opiniões. Ao nível das razões apontadas isoladamente, o mesmo cenário mantém-se para a opção “para tentar mudar alguma coisa no país”, com oito nomeações. Nota ainda, num plano secundário de escolhas, para as questões apontadas por alguns inquiridos, que vêem o Fórum como um espaço onde podem expressar preocupações e indignações, desabafar contra aquilo que está mal, ou pelo mero interesse pela actualidade.

Os inquiridos consideram, ainda, que o Fórum é um programa que é capaz de influenciar algumas decisões políticas do Governo, ou seja, é a opinião de vinte indivíduos em 29 questionados no total. Através da análise dos dados, pode-se afirmar que a maioria dos inquiridos participa no Fórum no sentido de que as suas opiniões possam ter algum impacto e modificar a realidade do país.

Mais difícil será provar que, efectivamente, o Fórum e outros programas do mesmo género tiveram uma contribuição decisiva no recuar da medida do Governo. De facto, não era essa a intenção fundamental de todo este trabalho, uma vez que só alguma declaração por parte do Executivo poderia dar algum esclarecimento sobre

isso. Apenas há a informação, mais ou menos de senso comum, de que todos os partidos políticos têm um gabinete de comunicação e de imprensa, responsáveis pela reunião de toda a informação pertinente para a actividade da instituição em causa.

A outra forma de analisar este assunto atinente à realidade do Fórum, no segmento da participação dos ouvintes, é recorrer à experiência de um profissional que tem muitos anos de experiência a conduzir o programa que está aqui a ser estudado. Numa entrevista – poucos minutos após ter abandonado a condição de editor principal do Fórum TSF, depois de oito anos consecutivos a moderar os debates que por ali passam – Manuel Acácio aceitou falar sobre o programa que dirigiu, o poder dos ouvintes nos espaços de opinião pública e até do episódio dos sacos de plástico.¹⁴

Manuel Acácio começa, nesta entrevista, por classificar o Fórum como *“um programa jornalístico, por isso é que é editado por um jornalista, nunca foi de outra forma, para reflectir sobre um determinado assunto e cada um de nós que está a editar o Fórum sacar a notícia, conseguir ali uma notícia.”*

A intervenção do Fórum verifica-se, igualmente, no domínio das audiências: *“Regra geral, numa rádio de informação ou como era a TSF, havia um pique das audiências sempre a subir das seis até às oito, nove horas, e a seguir havia uma quebra. Conseguimos que o Fórum, descesse um pouco em relação à audiência das oito ou nove horas, mas já não há aquela montanha a descer que antes havia até à hora do almoço.”* Neste sentido, o jornalista considera que os programas de opinião pública *“têm muito impacto, é muito ao nível das próprias pessoas”* até porque, continua o jornalista, *“o período do Fórum é um dos períodos de maior audiência da TSF.”* Quando o Fórum é realizado no exterior, Manuel Acácio nota o impacto que estes programas têm, *“porque as pessoas passam e comentam”*. Todavia, é também a nível político que este programa mostra ter algum impacto, como afirma o ex-editor: *“tem grande impacto a nível político, e percebe-se porquê. Nota-se pelos telefonemas que os directores recebem, nota-se pelo impacto quando eu não convido os partidos, às vezes excluo alguns, e perguntam-me logo “então mas hoje não ouvem os partidos?”* Manuel Acácio vai mais longe: *“a nível do Governo, o Fórum é um programa ouvido com alguma atenção.”*

No entanto, quando confrontado sobre o eventual “poder” da palavra dos ouvintes, o entrevistado mostra-se mais cauteloso: *“Posso especular, mas não é isso*

¹⁴A versão integral da entrevista está disponível para consulta no anexo nº1

que interessa. Da experiência que tenho de, e passo a redundância, ouvir os ouvintes, eles sentem que, pelo menos, alguém os ouve, ou que podem falar para serem ouvidos, numa rádio de grande audiência, num programa que tem prestígio e que eles sabem que é ouvido pelos partidos e pelo Governo, porque muitas vezes temos os partidos ou o Governo.”

Uma das grandes interrogações deste trabalho consistiu em perceber em que medida a onda de contestação, de vozes em tom negativo que se registaram no Fórum da TSF, sobre a intenção de cobrar uma determinada taxa aos sacos de plástico, podem ou não ter contribuído para o recuo da medida do Governo. Confrontado com a questão Manuel Acácio mostrou-se prudente, ao mesmo tempo que fala numa coincidência: *“Seria um abuso meu dizer que foi por causa do Fórum que eles recuaram. Agora que a onda de protestos da opinião pública no Fórum e a onda negativa que se gerou teve muito peso, isso parece-me óbvio. Senão é óbvio, parece-me uma coincidência.”*

As conclusões que emergem desta conversa com o ex-editor do Fórum apontam para um sentimento de confiança muito próprio que existe entre boa parte dos ouvintes/participantes da Fórum da TSF. De facto, os ouvintes assumem esse poder da palavra, associado a um programa de referência na opinião pública, ao nível dos órgãos de comunicação social. Se cruzarmos esta conclusão, com o resultado, inequívoco e maioritário dos questionários, que apontam para um desejo de alterar a realidade do país, através do programa, é lícito afirmar que a participação no Fórum é movida por um forte impulso de modificar a realidade nacional, nas suas mais variadas vertentes, sociais, políticas e económicas. Além disso, rejeita-se, por completo, a hipótese de que a participação no Fórum é desprovida de qualquer interesse ou motivação, um facto que se poderá explicar pelos próprios questionários: a ausência de inquiridos que vê o programa como uma forma de passar o tempo, ou, por outro lado, pela inexistência de indivíduos que evocam uma participação desinteressada.

No entanto, há que salvaguardar diversas situações. A amostra em estudo, com apenas 29 indivíduos, está longe de preencher os requisitos de uma grande amostra. As conclusões que se produzem a partir deste estudo podem, no entanto, assim se espera, servir como “tubo de ensaio” para que um estudo com uma escala muito mais ampla sobre a participação dos ouvintes na antena de uma rádio possa dar outras informações, outras considerações.

Anexos

Anexo 1 – Entrevista com Manuel Acácio, jornalista da TSF e ex-editor principal do Fórum da TSF

Pergunta – O Fórum da TSF é um espaço de opinião pública. O que procura exactamente o Fórum?

Manuel Acácio – Basicamente, procuramos reflectir sobre aquilo que consideramos ser o assunto do dia, e reflectir com a ajuda de especialistas, nas diversas matérias, ou de responsáveis, podem ser responsáveis políticos, ou até saber qual é a opinião dos diversos partidos representados no Parlamento sobre uma determinada questão e deslocar essa reflexão especializada/ política com a opinião de cada um de nós, com a opinião das pessoas. E o objectivo deste Fórum da TSF, com este formato que, salvo erro, foi estreado em 1995, foi sempre o mesmo: é um programa jornalístico, por isso é que é editado por um jornalista, nunca foi de outra forma, para reflectir sobre um determinado assunto e cada um de nós que está a editar o Fórum sacar a notícia, conseguir ali uma notícia. Ontem por exemplo, no fórum dos cereais tivemos a garantia do ministro de que não vai haver racionamento e essas explicações.

P. – Apelando aquilo que é também a tua experiência ao longos destes anos, que impacto têm programas deste género, de opinião pública, estes fóruns de debate?

M.A. – Acho que têm muito impacto. É muito ao nível das próprias pessoas, o período do Fórum da TSF é um dos períodos de maior audiência da rádio. Temos o período entre as 8h e as 9h, e depois logo a seguir é o Fórum. Conseguiu-se, ao longo deste oito anos que fui apresentador do fórum, puxar a curva das audiências para cima. Regra geral, numa rádio de informação ou como era a TSF, o que acontecia era que tinhas o pique das audiências sempre a subir das 6 até às 8, 9 horas e a seguir havia uma quebra. Conseguimos que o Fórum, e não é que o objectivo tenha sido esse, descesse um pouco em relação à audiência das 8-9 horas, mas já não há aquela montanha a descer que antes havia até à hora do almoço. Há ali uma curva, que se mantém cá em cima, contribuindo para outra coisa, que foi puxar o noticiário,

em termos de audiência, da uma da tarde e do meio dia, para cima, teve esse efeito...É uma demonstração prática de que tem efeito a nível das pessoas, a nível dos ouvintes da TSF. Por outro lado, as vezes noto que há ouvintes que vêm ao Fórum e que são ouvintes de outras rádios, quando se enganam e dizem: “ah na Renascença, perdão da TSF...”. E noto ainda quando faço Fóruns fora, por acaso nos últimos meses não tenho feito, porque quando é num sítio onde as pessoas vêm, vejo o impacto que isso tem nas pessoas, porque passam e comentam...E tem grande impacto a nível político, e percebe-se porquê. Nota-se pelos telefonemas que os directores recebem, nota-se pelo impacto quando eu não convido os partidos, às vezes excludo alguns, e perguntam-me logo “então mas hoje não ouvem os partidos?”... E a nível do Governo, o Fórum é um programa ouvido com alguma atenção.

P. - Notas que os ouvintes têm algum poder nestes espaços? Sentem que têm algum poder através da palavra?

M.A. – Só posso saber aquilo que eles têm dito. Posso especular, mas não é isso que interessa. Da experiência que tenho de, e passo a redundância, ouvir os ouvintes, eles sentem que pelo menos alguém os ouve, ou que podem falar para serem ouvidos, numa rádio de grande audiência, num programa que tem prestígio e que eles sabem que é ouvido pelos partidos e pelo Governo, porque muitas vezes temos os partidos ou o Governo. Ministros, secretários de estados a explicarem determinadas medidas...E as pessoas sentem que o programa é ouvido porque é conhecido...É uma tribuna. E têm esse poder. Há uns tempos, havia um ouvinte que se inscrevia sempre, todos os dias, e dizia que o Fórum é o parlamento do povo. Pelo menos é um sítio onde podem falar e estão a ser ouvidos não apenas pelo vizinho e pelos amigos. Se sentem que isso contribui para mudar as coisas concretas, aí já não sei...Às vezes há ouvintes que se queixam: “a gente está para aqui a falar, aproveita para desabafar, mas depois olhe fica tudo na mesma”...Do que tenho escutado é, sobretudo isso, os ouvintes são escutados, estão num espaço de referência, aliás basta ver as cópias do Fórum que existem noutras rádios, isso também foi transposto para as televisões, e sentem que têm voz. E são ouvidos, nomeadamente por quem decide.

P. - E em relação ao episódio dos sacos de plástico, poderá haver alguma relação entre o recuar da medida do Governo e a repercussão tão negativa dos ouvintes no Fórum? Ou será perigoso falar nesta relação?

M.A. – Seria um abuso meu dizer que foi por causa do Fórum que eles recuaram. Não faço a mínima ideia, seria arrogância da minha parte. Agora que a onda de protestos da opinião pública no Fórum (não sei se noutros Fóruns também houve porque não ouvi), a onda negativa que se gerou teve muito peso, isso parece-me óbvio. Senão é óbvio, parece-me uma coincidência.

P. - Manuel, hoje foi o teu último como editor do Fórum. Já tens saudades?

M.A. – (Risos) Ainda estou naquele efeito de que não foi bem o último... (Risos). Foi o meu último enquanto editor principal do Fórum TSF, mas está combinado entre nós, entre a direcção e a Margarida¹⁵, que sempre que ela não puder vir, ou porque está de férias, ou porque tem a filhota doente, que quem vai fazer o Fórum sou eu. Na prática, não sinto aquela coisa de que...é o último Fórum...E eu também não sou sequer uma pessoa nostálgica. Gostei muito de fazer o Fórum estes oito anos, tenho um grande desafio pela frente. Agora, eu já gostava de ouvir o Fórum antes de o fazer, gostava muito de ouvir o Fórum e não partilho nada da opinião que muitas pessoas têm que dizem: “o povo só diz parvoíces...”. Quer dizer, estas pessoas que nós achamos, ou que alguns acham que só dizem parvoíces, em termos democráticos valem tanto como eu, ou como cada um de nós, por mais importante que se ache, que é um voto...E são estas pessoas que a, b, c podem achar “mas o que ele sabe para estar a falar disto?” Ok, sabe falar tanto disto como sabe para votar no partido a, b ou c...Não tenho nada a opinião de uma certa aristocracia de opinião e só não sei quem é que deve falar...Não... Agora o Fórum tem dado o auditório-tipo da TSF, a grande audiência da TSF. O nosso público-alvo, classes A e B, temos os outros também, mas dado o prestígio do Fórum que foi conseguindo desde 90 e poucos...temos ouvintes muito especializados...Tenho aprendido muito com o Fórum, mesmo como editor. Claro que há opiniões que são muito mais básicas que outras, há outras que são mais tecnicamente sustentadas que outras...Eu já gostava do Fórum antes de o fazer e vou continuar a ouvi-lo e não é só por obrigação da função... (risos)

¹⁵ Margarida Serra, jornalista que passou, a partir de 1 de Maio de 2008, a editora principal do Fórum da TSF, em substituição de Manuel Acácio, que passou a desempenhar as funções de chefe de redacção.

Anexo 2 – Questionário



Universidade do Minho

**O presente questionário procura compreender as motivações que levam os ouvintes da TSF a participarem no fórum.
As respostas são anónimas e confidenciais.**

1 - Sexo

Masculino

Feminino

2 – Idade ___ anos

3 – Naturalidade _____

4 – Costuma ouvir rádio?

- Todos os dias;
- Duas ou mais de duas vezes por semana;
- Uma vez por semana;
- Mais raramente;
- É a primeira vez que ouço.

5- Com que frequência ouve a TSF?

- Todos os dias;
- Duas ou mais de duas vezes por semana;
- Uma vez por semana;
- Mais raramente;
- É a primeira vez que ouço.

6 - Com que frequência ouve o fórum da TSF?

- Todos os dias;
- Duas ou mais de duas vezes por semana;
- Uma vez por semana;
- Mais raramente;
- É a primeira vez que ouço.

Anexo 2 – Questionário (continuação)



Universidade do Minho

7 – Com que frequência participa no fórum da TSF?

- Todos os dias;
- Duas ou mais de duas vezes por semana;
- Uma vez por semana;
- Mais raramente;
- É a primeira vez que participo.

8 - Por que participa no fórum da TSF? (assinale uma ou duas alternativas)

- Para partilhar opiniões;
- Para tentar mudar alguma coisa no país;
- Pelo meu interesse na actualidade;
- Para ocupar o tempo;
- Por nenhuma razão em especial;
- Outro _____;
- Outro _____.

9 - O fórum da TSF é um espaço de opinião pública que pode influenciar algumas intenções políticas do Governo.

Discordo muito.....1.....2.....3.....4.....5.....Concordo muito

Obrigado pela participação.

Bibliografia

Livros

MEDITSCH, Eduardo (1999) – *A Rádio na era da informação: Teoria e Técnica do Novo Radiojornalismo* – Minerva: Coimbra;

JUNG, Milton (2004) – *Jornalismo de rádio* – Contexto: São Paulo;

GOMES, Adriano Lopes (2006) – *A rádio e a experiência estética na constituição do Ouvinte* – Biblioteca On Line de Ciências da Comunicação, Universidade do Minho : Braga;

PORTELA, Pedro José (2006) – *Rádio na internet em Portugal : a abertura à participação num meio em mudança*;

CRISELL, Andrew (1994) – *Understanding radio* – Routledge: Londres

BAKTHIN, Mikhail (1997) - *Dialogismo e construção do sentido* - Editora da UNICAMP: Campinas, São Paulo;

COULON, Alain (1995) – *Etnometodologia* – Vozes: Petrópolis

CURRAN, James & SEATON, Jean (1997) – *Imprensa, rádio e televisão – Poder sem responsabilidade* – Epistemologia e Sociedade, Instituto Piaget : Lisboa

BITTI, Pio Ricci & ZANI, Bruna (1997) – *A comunicação como processo social* – Editorial estampa: Lisboa

ALVES, A. (2005) – *Comunicação persuasiva' in Revista Comunicação e Sociedade nº 8, Comunicação Estratégica* – Campo das Letras e Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade: Porto

MENESES, João Paulo (2003) – *Tudo o que se passa na TSF...para um "Livro de Estilo"* – Edição Jornal de Notícias: Porto

GUTIÉRREZ, Garcia Maria & HUERTAS BAILÉN, Amparo (2004) – *España: Programación radial para todo público* – Chasqui: Madrid.

HERREROS, Mariano Cébrian (2001) – *La rádio en la convergencia multimédia* – Gedisa: Barcelona

HERREROS, Mariano Cébrian (2007) – *Modelos de rádio, desarrollos e inovaciones – del diálogo a la interactividade* – Fragua: Madrid

PÉREZ, Arturo Merayo (2000) – *Para entender la rádio – estructura del proceso informativo radiofónico* – Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca: Salamanca

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, Luc van (1992) – *Manual de Investigação em Ciências Sociais* – Gradiva: Lisboa

Sítios da Internet

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tsf>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Controlinveste_Media

<http://www.meiosepublicidade.pt/2008/03/28/o-estado-dos-media-em-2008/>

<http://www.ceja.educagri.fr/por/pays/espa.htm>

<http://www.stateofthenewsmedia.org/2007/>

http://pt.wikipedia.org/wiki/Jornalismo_cidad%C3%A3o

http://www.marktest.pt/produtos_servicos/Bareme_Radio/default.asp?c=1014&n=1883

http://www.marktest.pt/produtos_servicos/Bareme_Radio/default.asp?c=1014&n=1663

<http://uk.youtube.com/user/videotsf>